

Estevão Pedro de Alencastre (1876-1940) – Uma Criança da Ilha do Porto Santo que se Tornou Bispo do Hawaii¹

Estevão Pedro de Alencastre (1876-1940) – A Child from Porto Santo Island who Became Bishop of Hawaii

Susana Caldeira²

Resumo

O arquipélago da Madeira, ao longo do século XIX, sofreu adversidades sociais e económicas que obrigaram a transformações radicais no modo de vida das ilhas e das populações. A prosperidade da economia das ilhas, sustentada na indústria e no comércio do vinho, sofreu um tremendo abalo quando as vinhas foram atacadas por doenças como o *oidium* (1852) e a filoxera (1872) que dizimaram os campos agrícolas e deixaram a população numa situação de miséria extrema. Para fugir à fome e à morte certa num solo estéril, a emigração surgiu como a salvação possível de famílias

¹ Embora em português seja corrente usar a grafia “Havai” para designar o arquipélago, optámos pela grafia original. Usaremos, todavia, a palavra “havaiano” quando designarmos os seus habitantes, ou algo referente ao Hawaii.

² Mestre pela Universidade da Madeira em 2005, estudou Cultura e Literatura Anglo-Americanas e focou a sua pesquisa na emigração madeirense para o Hawaii, fazendo uso do diálogo fértil entre múltiplas ciências como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Etnografia, etc., para explorar temas como mobilidade, identidade, alteridade, preconceito, racialização, aculturação, entre outros. Dedicar-se atualmente a temas no âmbito da cultura e literatura insulares, publicando com regularidade em revistas científicas regionais e internacionais. É docente em mobilidade no Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira | Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro, onde faz investigação e é membro do Conselho Editorial da revista *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*; faz também parte do Conselho Editorial da revista *Islenha* e é membro do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa (CEC). Contacto: susana.coc.caldeira@madeira.gov.pt.

inteiras. Foi o caso da família de Estevão Pedro de Alencastre (1876-1940) que, entre tantas outras, abandonou a ilha do Porto Santo e rumou ao Hawaii, na esperança de uma vida melhor. É a esta figura, que saiu da sua ilha com apenas seis anos, e que em 1924 se tornou bispo do Hawaii, que dedicamos este artigo. O papel que desempenhou na diocese havaiana e na vida das populações contribuiu para o desenvolvimento das ilhas e valeu-lhe o cognome de *O Edificador*. Erigiu escolas e igrejas em todas as ilhas, priorizou a educação e a formação dos jovens, e empenhou-se em aumentar o corpo missionário naquele arquipélago onde a religião católica crescia a cada dia. A comunidade portuguesa, e em especial a madeirense, jamais se esqueceu desta figura ímpar da História do Hawaii.

Palavras-chave: Porto Santo; Madeira; Emigração; Hawaii; Bispo; Estevão Pedro de Alencastre.

Abstract

The Madeira Archipelago, throughout the 19th century, faced social and economic adversities that dictated radical transformations in the islands' way of life and that of their populations. The islands' economic prosperity, sustained by the wine industry and trade, suffered a tremendous blow when the vineyards were attacked by diseases such as oidium (1852) and phylloxera (1872), which devastated the agricultural fields and left the population in a state of extreme poverty. To escape hunger and certain death on barren land, emigration emerged as the possible salvation for entire families. This was the case for the family of Estevão Pedro de Alencastre (1876-1940) who, among many others, left the island of Porto Santo and headed for Hawaii, hoping for a better life. This article is dedicated to this figure, who left his island at only six years old and became the Bishop of Hawaii in 1924. The role he played in the Hawaiian diocese and in the lives of the population contributed to the development of the islands and earned him the nickname *The Builder*. He erected schools and churches on all the islands, prioritized the education and training of the youth, and endeavored to increase the missionary body in that archipelago where the Catholic religion was growing every day. The Portuguese community, especially those from Madeira, has never forgotten this unique figure in the history of Hawaii.

Keywords: Porto Santo; Madeira; Emigration, Hawaii; Bishop; Estevão Pedro de Alencastre.

Imagem I – Bispo Estevão de Alencastre (ant. 1940)



Fonte: ABM, Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's, Jacinto da Conceição Nunes, n.º inv. JCN/175.

A emigração madeirense é um fenómeno que tem suscitado o interesse e a curiosidade de leigos e estudiosos ao longo dos tempos. Estudam-se as causas dos grandes fluxos migratórios, analisam-se consequências, fazem-se estatísticas e, entre outras coisas, relatam-se histórias. Principalmente as daqueles que, à custa de muito trabalho, vingaram na vida e regressaram à sua terra natal trazendo a prosperidade ganha e a notoriedade conquistada além-fronteiras.

Raramente, porém, são suficientemente enaltecidos os que, tendo vingado em terras longínquas, ficaram para além do mar, aqueles que, honrando o nome da Madeira, deixaram nas terras de acolhimento o fruto das suas vidas. Quantos deles ficaram desconhecidos dos seus conterrâneos ilhéus e apenas vivos na memória do povo que os acolheu e nos arquivos de outras paragens? Inúmeros, com certeza, ainda mais se a avaliação dos seus sucessos se balizou pelos parâmetros da fortuna conquistada.

Imagens II e III – Placas identificando a «Rua D. Estêvão Alencastre – Bispo do Hawaii» (2002 e 2024)



Fonte: Fotografias da autora.

Uma das principais ruas da ilha do Porto Santo tem o nome de «Rua D. Estêvão de Alencastre – Bispo de Hawaii». Há mais de 20 anos, quando nos interessámos sobre esta temática, inquirimos sobre a enigmática figura a residentes na ilha, comerciantes estabelecidos nessa mesma rua há largos anos e até forasteiros. A resposta estaria escondida na memória ou nos papéis de algum curioso, num arquivo eclesiástico ou camarário, mas saber ao certo, quase ninguém sabia, e até o facto de se tratar de um porto-santense só de poucos era conhecido.

É, pois, nosso propósito, com este artigo, dar a conhecer este ilustre conterrâneo, essa figura empreendedora e venerada que levou o nome do Porto Santo, da Madeira e de Portugal às terras longínquas do Pacífico que compõem o arquipélago havaiano.

O bispo do Hawaii, como ficou por nós conhecido D. Estevão de Alencastre³, nasceu na ilha do Porto Santo no dia 3 de novembro de 1876, no bairro da Vila. Era filho de Lúcio José de Alencastre e de Augusta Leopoldina Cândida Vasconcelos Baião de Alencastre, naturais daquela ilha. O pai nasceu a 19 de abril de 1840, sendo batizado a 26 do mesmo mês na igreja de Nossa Senhora da Piedade⁴. A mãe nasceu a 26 de maio de 1843, tendo sido batizada a 16 de junho do mesmo ano pelo padre Cristóvão Coelho de Meneses e apadrinhada pelo capitão José Sebastião da Silva e Moura e D. Maria Cândida⁵. Os avós paternos eram Francisco António de Alencastre e Maria de Ornelas, moradores nas Pedras Pretas, e os avós maternos João Alexandre Baião e Leopoldina Cândida de Vasconcelos Baião, moradores na Vila.

A 30 de Janeiro de 1864, na igreja de Nossa Senhora da Piedade, casaram os seus pais, ele com 23 e ela com 20 anos de idade⁶. Presidiu à cerimónia o padre João Balbino Gomes e foram padrinhos Teodoro João Pestana⁷, cura do Porto Santo, e António de Ornelas e Brito, proprietário naquela ilha.

Estevão Pedro de Alencastre foi o terceiro filho do casal. O irmão mais velho nasceu a 29 de abril de 1869 e no seu batismo, a 9 de maio do mesmo ano, recebeu o nome de Estevão⁸. Foram seus padrinhos Estevão Sebastião Drummond, vigário na ilha do Porto Santo, e Fortunata Augusta de Castro. A 3 de maio de 1874 nasceu Alexandre, o filho do meio, batizado a 17 de maio desse ano e apadrinhado por Justiniano José Lomelino Serpa, proprietário naquela ilha⁹.

³ É importante salientar que o seu nome de batismo é Pedro. Só já adulto, quando entrou no noviciado da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, em Louvain, é que tomou o nome de Stephen, em homenagem ao bispo Stephen Jerome Rouchouze, o primeiro bispo católico das ilhas havaianas. Vd. *Honolulu Star-Bulletin*, 11 de novembro de 1940, p. 3, e 13 de setembro de 1941, p. 2; FERRARIS, 2000, *Remembering: 175 Years of Mission SS. CC. in Hawaii*, p. 15. É, pois, a partir da tomada das ordens que passa a assinar toda a documentação particular e oficial como Stephen P. [Pedro] Alencastre. Para facilitar a leitura e identificação, vamos optar, ao longo do artigo, pelo nome Estevão de Alencastre.

⁴ Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM), Paroquiais, Porto Santo, Batismos, liv. 988, fl. 47.

⁵ ABM, Paroquiais, Porto Santo, Batismos, liv. 988, fl. 104 v.º. De acordo com o registo, o batismo teve lugar em casa «por assim o exigirem as circunstâncias».

⁶ ABM, Paroquiais, Porto Santo, Casamentos, liv. 6298, fls. 2 e 2 v.º.

⁷ Nasceu a 21 de outubro de 1830 e faleceu a 20 de julho de 1889. Todas as referências publicadas neste artigo que dizem respeito às datas de nascimento, ordenação e falecimento de párocos – entre outras informações suplementares e pontuais –, foram, na sua totalidade, gentilmente cedidas pela Câmara Eclesiástica do Funchal, na pessoa de Sua Excelência Reverendíssima o Sr. D. Teodoro de Faria, bispo emérito do Funchal.

⁸ ABM, Paroquiais, Porto Santo, Batismos, liv. 6269, fl. 11 v.º.

⁹ ABM, Paroquiais, Porto Santo, Batismos, liv. 6274, fls. 12 e 12 v.º.

Imagem IV – Casa no Porto Santo onde viveu a família Alencastre (ant. 1957)



Fonte: ABM, MFM-AV, Eduardo Nunes Pereira, n.º inv. ENP/276.

Foi pelas duas horas da madrugada do dia 3 de novembro de 1876 que nasceu o terceiro filho, aquele que mais tarde viria a ser bispo do Hawaii. A 12 de novembro de 1876, nove dias após o seu nascimento, os seus pais levaram-no à igreja paroquial de Nossa Senhora da Piedade, localizada na Vila da ilha do Porto Santo, para aí receber o sacramento do batismo pelas mãos do vigário Estevão Sebastião Drummond¹⁰. Do seu registo de batismo consta apenas o nome Pedro¹¹. O seu padrinho foi Manuel Gregório Pestana, escrivão interno da Fazenda naquele concelho e aí residente, de quem encontramos referência em alguns periódicos madeirenses do final do século XIX.

Antes de nos debruçarmos exatamente sobre a vida de Estevão de Alencastre enquanto bispo, importará certamente contextualizar a deslocação desta e de tantas outras famílias para um destino tão longínquo e, de certa forma, na medida do possível, traçar o seu percurso familiar, académico e sacerdotal naquele arquipélago.

¹⁰ Nasceu a 26 de dezembro de 1843, foi ordenado padre a 16 de março de 1867 e faleceu em 1890.

¹¹ ABM, Paroquiais, Porto Santo, Batismos, liv. 6276A, fl. 43.

A emigração para as ilhas Sandwich¹², outra designação para o arquipélago do Hawaii¹³, marcou a sociedade madeirense por um período que se estendeu desde 1878 até 1913. Na origem dos grandes fluxos migratórios que se registaram a partir da Madeira e do Porto Santo, neste final de século, estavam o crescimento populacional e as graves crises económicas que atingiam, sobretudo, as populações rurais. A prosperidade da economia das ilhas, sustentada na indústria e no comércio do vinho, sofreu um tremendo abalo quando as vinhas foram atacadas por doenças como o *oidium* (1852) e a filoxera (1872) que dizimaram os campos agrícolas e deixaram a população numa situação de miséria extrema. Para fugir à fome e à morte certa num solo estéril, a emigração surgiu como a salvação possível de famílias inteiras.

Se a situação na ilha da Madeira era desesperante, não será difícil imaginar os constrangimentos na ilha do Porto Santo onde a chuva sempre escasseou e o solo era menos fértil, não produzindo o sustento da população, e nem sequer pasto suficiente para alimentar o gado. Ao longo dos anos, os periódicos insistiam em títulos que destacavam os horrores da fome no Porto Santo e a triste situação daqueles ilhéus votados ao abandono. Silva e Meneses realçavam que «[a]s crises, que de vez em quando surgem nessa ilha, especialmente determinadas por largas estiagens [...], são uma visão aterradora para os seus habitantes, vivendo sempre na perspectiva do espectro da fome com todos os horrores que a acompanham»¹⁴. Também os estrangeiros que visitavam a ilha ficavam mal impressionados e, não raras vezes, faziam algumas doações em géneros ou em dinheiro para ajudar a população. Em 1881, pouco antes da partida da família Alencastre rumo ao Hawaii, encontramos um testemunho de Rendell que nos diz o seguinte: «The Island of Porto Santo is of little value; it produces some corn and wine, and a good breed of working oxen, but often suffers from want of water. [...] The town is poor, and the

¹² Nome atribuído às ilhas do Hawaii pelo famoso capitão da Armada Britânica, James Cook (1728-1779), o primeiro europeu a descobrir as ilhas (18 de janeiro de 1778), acompanhado das suas tripulações a bordo do *Resolution* e do *Discovery*. Fê-lo em homenagem ao quarto Conde de Sandwich, John Montagu (1718-1792), seu patrono e primeiro Almirante da Armada Britânica, cujo interesse como explorador levou a tal descoberta no Pacífico. «No entanto, sabe-se que em 1818, o rei Kamehameha I protestou contra o nome atribuído, declarando que cada ilha deveria ser chamada pelo seu próprio nome, e o grupo de ilhas “Ilhas do Rei de Hawaii” (Golovnin). O nome Sandwich Islands continuou a ser usado durante muitos anos, mas nas comunicações oficiais tornou-se, gradualmente, obsoleto depois de 1844», in S.A., 1970, *Names and Insignia of Hawaii*.

¹³ Arquipélago pertencente à Polinésia, situado no Oceano Pacífico e anexado aos Estados Unidos da América em 1899. É composto por mais de cem ilhas, mas as conhecidas são as únicas oito habitadas: Oahu (onde se situa a capital: Honolulu), Big Island ou Ilha Grande (também conhecida simplesmente por Hawaii), Maui, Kauai, Molokai, Lanai, Niihau e Kahoolawe.

¹⁴ SILVA e MENESES, 1998, *Elucidário Madeirense*, vol. III, p. 123.

Island uninviting, except, perhaps, to the geologist»¹⁵. Os periódicos madeirenses justificavam a saída de tantos emigrantes através da suspensão de trabalhos das obras públicas devido à falta de crédito¹⁶, e ainda pela generalizada falta de trabalho que se sentia na Madeira que obrigavam os madeirenses a procurar os meios de subsistência no estrangeiro¹⁷: «Foram mais 467 os infelizes que deixaram a sua pátria por não terem onde ganhar o pão de sua subsistência, e parece que estão mais de 2000 pessoas resolvidas a partir assim que tenham embarcação que as conduzam. É medonho o estado desta ilha, sem termos outro recurso além da emigração»¹⁸.

A estes fatores sociais e económicos que depauperavam as ilhas, associava-se uma feroz propaganda que fomentava fortemente a emigração para aquele próspero arquipélago do Pacífico, em tudo semelhante ao da Madeira:

«póde perguntar-se, que mal poderá advir á Madeira de uma emigração regular para as ilhas de Sandwich? É fóra de dúvida, que esta terra tem hoje o maximo da população que póde sustentar. [...] Só uma grande precisão de prover á subsistência póde determinar o povo a subjeitar-se a um trabalho tão fragoso e tão pouco lucrativo: a alimentação pobre e as habitações miseraveis da gente do campo veem corroborar esta asserção. [//] O augmento da população, resultante do excesso dos nascimentos sobre os obitos, terá forçosamente de ir procurar algures os meios de subsistência. [//] As ilhas Hawaianas, com a sua população escassa e os seus vastos recursos, estão aptas para receber, durante uma longa série de annos ainda, todo o homem, mulher ou creança que a Madeira ou os Açores poderem dispensar; e não serão precisos muitos annos, para que os portuguezes excedam em numero as outras nacionalidades, e virtualmente conquistem a direcção dos destinos daquelle paiz. A pátria receberá, de tempos a tempos, a riqueza acumulada por alguns dos seus filhos, e desenvolver-se-há um commercio que, tanto para estes, como para aquella, deve ser proveitoso»¹⁹.

¹⁵ RENDELL, 1881, *A handbook of Madeira* [...], p. 29.

¹⁶ *A Voz do Povo*, 25 de setembro de 1879, p. 1.

¹⁷ *A Voz do Povo*, 3 de maio de 1879, p. 2; 5 de julho de 1879, p. 1.

¹⁸ *A Voz do Povo*, 2 de agosto de 1879, p. 1.

¹⁹ S.A., 1878, *Breve Noticia Acerca das Ilhas Sandwich e das vantagens que ellas offerecem á emigração que as procure*, pp. 20-21. Hoje sabemos que o autor deste panfleto foi o Doutor Wilhem Hillebrand, um médico e botânico alemão que viveu 20 anos no Hawaii (1851-1871), sendo também conselheiro do rei e coadjutor na empresa de importar imigrantes asiáticos para as plantações sacarinas do arquipélago havaiano. Em 1876 fixou-se na Madeira (em Santana) numa tentativa de restabelecer a saúde da mulher que sofria de uma doença pulmonar: «Eu vim para esta ilha com o objetivo de recuperar a saúde da minha esposa, se possível», in Hawaii State Archives, 30 de agosto de 1877, Correspondência de Hillebrand, Departamento do Interior. O arquivo estatal do Hawaii é rico na correspondência trocada entre este médico e o rei havaiano, convencendo-o de que os madeirenses seriam os colonos ideais para povoar e trabalhar aquelas terras do Pacífico. Também no ABM encontrámos uma carta do Governador Civil do Funchal, enviada para o Ministro do Interior do Hawaii, acusando a receção de um ofício, acompanhado do referido panfleto e mencionando a sua autoria. Vd. ABM, Governo Civil do Funchal, Autoridades Diversas (Registo de Correspondência), liv. 95, assento 590, fls. 97 v.º e 98. Para um perfil de Wilhelm Hillebrand, vd. POPE, 1918, «William Hillebrand», pp. 53-60.

O panfleto de Wilhem Hillebrand, com as suas descrições de uma terra promissora, com as constatações óbvias de uma Madeira com excesso de população, vivendo uma crise económica grave, e com um apelo aliciante à emigração, teve o impacto esperado, sobretudo na comunidade rural que via nascer uma oportunidade de um futuro mais risonho, ainda que isso significasse rumar a uma terra desconhecida, abandonando para sempre o torrão natal. Tendo terminado o panfleto em 1877 – «[a]cabei ontem o panfleto sobre as Ilhas Sandwich [...] o manuscrito está nas mãos do tradutor e será divulgado, assim que possível, em 400 a 500 cópias, parte das quais eu tenciono enviar para os Açores»²⁰ –, rapidamente as autoridades dos dois países e as companhias de navegação se organizaram para levar a cabo uma emigração massiva que em muito convinha aos dois arquipélagos²¹. Facto é que, a primeira leva de emigrantes portugueses para o Hawaii, totalmente composta por madeirenses, deixou o porto do Funchal na primeira semana de junho de 1878, a bordo da barca alemã *Priscilla*, tendo, ao fim de 120 dias de viagem, chegado ao seu destino. Depois deste primeiro fluxo, seguiu-se um outro navio, o *Ravenscrag*, em 1879, também exclusivamente composto por emigrantes madeirenses, observando-se um *continuum* nesta emigração que passou, depois, a transportar também famílias do arquipélago dos Açores e, só muito mais tarde (a partir de 1911), também do continente português.

Aos efeitos propagandísticos que apelavam à emigração para o Hawaii juntou-se um tratado estabelecido entre Portugal e aquele reino, em 5 de maio de 1882, que estipulava os termos de contratação dos emigrantes²², e que segundo a correspondência do Governador Civil, de 30 de outubro de 1882²³, teria sido publicado no Diário do Governo a 19 de maio desse ano.

²⁰ Hawaii State Archives, 23 de novembro de 1877, Correspondência de Hillebrand, Departamento do Interior.

²¹ No caso do Hawaii, o recrutamento de imigrantes prendia-se com dois vetores: «por um lado, existia uma necessidade premente de trabalhadores que pudessem garantir a ascensão da economia, baseada nas plantações de cana-de-açúcar. Por outro lado, coexistia a urgência de levar sangue novo até as ilhas, numa tentativa de evitar a extinção da raça. O problema permanente do Hawaii persistia: sem população, o reino havaiano não existiria, sem trabalhadores, as indústrias agrícolas não se desenvolveriam. Não bastava, porém, recrutar trabalhadores, o Hawaii precisava de famílias, precisava de mulheres, de modo a estabilizar o equilíbrio dos sexos e garantir o normal crescimento da população, precisava de crianças que, a seu tempo, seriam indivíduos ativos e cidadãos que haviam de pagar impostos», in CALDEIRA, 2010, *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirenses*, p. 59.

²² Cf. SPRANGER, 2001, «O Quotidiano dos Ilhéus no Hawai após o contrato no século XIX», p. 159.

²³ ABM, Governo Civil do Funchal, Autoridades Diversas (Registo de Correspondência), liv. 141, assento n.º 1051, fl. 54 v.º.

Não nos cabe aqui dissertar sobre os pormenores específicos deste fenómeno migratório, que fizeram parte de uma investigação mais lata no passado²⁴. Interessá-nos referenciar alguns factos para que, de algum modo, percebamos em que condições o jovem Pedro e a sua família abandonaram o Porto Santo, em 1883, rumo à “Terra Prometida” ou “Terra Nova”.

Segundo os registos de batismos e registos de passaporte requeridos por Lúcio José de Alencastre²⁵, a família, em 1883, morava no bairro da Vila da ilha do Porto Santo. A mãe de D. Estevão de Alencastre prestava serviços domésticos e o pai era lavrador e proprietário. De acordo com os imensos registos que fomos encontrando na imprensa local, é de supor que a família vivesse nas dificuldades económicas naturais daqueles que subsistem do trabalho árduo da agricultura, numa ilha árida e de solo pouco fértil devido à escassez de chuva. Os anúncios de navios para as ilhas Sandwich passaram a ser presença constante nos periódicos madeirenses, aliciando o povo que depressa acedeu à chamada, enquanto tantos, em escritos mais ou menos críticos, lamentavam a sorte dos infelizes chefes de família, que compunham “o grosso” dos emigrantes ou acusavam o Governo português de nada fazer para pôr fim a tal flagelo emigratório:

«V. Ex.a. sabe que a ilha do Porto Santo tem estado reduzida a um tal estado de miséria que se anda a pedir esmola para ela, pelo estrangeiro e repetidos têm sido os bailes que se tem dado no Funchal, a fim de beneficiar aquela pobre gente. [...] Mas não é só o Porto Santo que se encontra nestas circunstâncias. Nas mesmas está também a ilha da Madeira, em grande parte. [...] A fome entrou já nas casas dos lavradores, a miséria lavra por toda a parte; braços válidos de centenas de homens não encontram trabalho; e o resultado é o que aí vemos – a emigração, que começa hoje em quase mil pessoas e que amanhã há de ser duas mil ou mais, sem se atentar nas funestas consequências que advêm de um tal estado de coisas. Não são os vadios, os mandriões, os ambiciosos e aventureiros que emigram; mas os chefes de família, os homens válidos para o trabalho, os operários e lavradores que abandonam o lar doméstico, a sua paróquia, a terra onde nasceram»²⁶.

²⁴ Vd. CALDEIRA, 2010, *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirenses*.

²⁵ Analisando o passaporte da família, percebemos que em janeiro de 1883, ainda no Porto Santo, Lúcio José de Alencastre requisitou ao pároco local as certidões de batismo do casal e dos filhos e, pela mesma altura, a sua certidão de casamento. Depois, ter-se-ão deslocado para o Funchal onde terão tratado da restante documentação necessária, como sejam os registos criminais, passados em março de 1883. O passaporte terá sido passado no dia 3 de abril de 1883, onde se diz que o casal «pretende seguir viagem para Sandwich», e onde se apresentam os principais traços físicos de cada viajante. No passaporte diz-se que Estevão Pedro de Alencastre embarcara com sete anos, o que não corresponde à verdade pois só os completaria no dia 3 de novembro desse ano. Vd. ABM, Governo Civil do Funchal, Processos de Passaporte, cx. 34, n.º 93, passaporte n.º 181.

²⁶ Extrato do discurso pronunciado na Câmara dos Senhores Deputados, na sessão de 7 de maio de 1883, pelo deputado por Santa Cruz, in *A Voz do Povo*, 7 de junho de 1883, pp. 1-3.

Em maio de 1883, chegou mesmo a nomear-se uma comissão que teria por «encargo especial, estudar e propor os meios de remover as causas que possam influir num facto social, que tanto prejudica o desenvolvimento da riqueza nacional, e providenciar para que a população que procura emigrar se radique no país e concorra para o arroteamento e povoação dos terrenos desabitados e incultos»²⁷. O próprio Governador Civil do Funchal foi aconselhado, pelo cônsul de Portugal no Hawaii, a não aceitar os «contratos em péssimas condições» que o Governo daquelas ilhas tratava de fazer com os agentes de emigração na Madeira²⁸. Não obstante as críticas, os conselhos e os apelos, a emigração madeirense para o Hawaii não foi descontinuada.

No início do mês de abril de 1883, podíamos ler num periódico local: «Excedem a quinhentas as pessoas compreendidas nas guias de embarque, passadas na administração d'este concelho, as quaes se destinam a fazer viagem como emigrantes, no vapor inglez "Hankow", que é esperado neste porto a 25 do corrente. A maior parte destes infelizes são chefes de família»²⁹. Com efeito, a 26 de abril de 1883, deu-se a saída do vapor inglês *Hankow* (a décima embarcação que rumava ao Pacífico a partir das ilhas portuguesas atlânticas) que, após uma passagem pelo arquipélago dos Açores para recolher emigrantes, transportou para o Hawaii 1462 passageiros, entre os quais se contavam 427 homens, 317 mulheres e 718 crianças³⁰.

Foi precisamente neste navio que seguiu para as ilhas Sandwich a família Alencastre. Somos levados a concluir que, como tantos outros, também estes partiram à procura de uma vida melhor e mais próspera, levando consigo um contrato de trabalho (possivelmente para uma plantação de cana sacarina) e uma

²⁷ *Diário de Notícias*, 12 de maio de 1883, p. 2.

²⁸ ABM, Governo Civil do Funchal, Correspondência Entrada (Registo de), liv. 375, assento n.º 29, ofício de 30 de junho de 1884, f. 52.

²⁹ *Diário de Notícias*, 8 de abril de 1883, p. 2.

³⁰ Cf. CALDEIRA, 2010, *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirenses*, p. 262. A crermos na imprensa local, da Madeira teriam partido 956 indivíduos. Vd. *A Voz do Povo*, 27 de abril de 1883, p. 2. É curioso perceber que o número de crianças embarcadas era sempre muito superior ao expectável, até porque tal facto implicava custos para a Junta de Imigração havaiana. Eis a explicação: «A percentagem dos custos, pagos pelos plantadores para o transporte das mulheres, devia ser pago em deduções mensais, a partir dos salários dos homens e respetivas mulheres. As crianças dos doze aos treze anos poderiam ser contratadas para trabalhar por quatro dólares mensais, dos treze aos catorze anos, a cinco dólares, e dos catorze aos quinze, por seis dólares. O custo da passagem das crianças com idades inferiores a doze anos continuaria a ser pago pela Junta de Imigração. Os enormes gastos do Governo, no que diz respeito a esta matéria, só se tornariam proveitosos a longo prazo, quando estas crianças pagassem impostos como cidadãos», in COMAN, 1903, *The History of Contract Labor in the Hawaiian Islands*, p. 30.

bagagem cheia de esperança num futuro mais venturoso. E esta família, tal como a grande maioria das famílias que empreenderam a longa viagem rumo a uma terra desconhecida que os recebia, cairia no esquecimento dos madeirenses e porto-santenses, não fosse pela ilustre figura do seu filho mais novo, Estevão Pedro de Alencastre, que se fez bispo e que, enquanto tal, serviu a sua diocese com amor e dedicação, contribuindo também para que a memória portuguesa perdurasse nessa terra longínqua.

Curiosamente, anos mais tarde, um jornal havaiano escreveria o seguinte:

«Horn, and across the Pacific, the hundreds of newcomers eagerly set foot on Hawaiian soil, holding rosy dreams of what the future might have in store for them. But none of them imagined that among their group was a future bishop in charge of the wideflung Catholic affairs of the Hawaiian Islands. Least of all did the thoughts of little 6-year-old Peter Alencastre turn in this direction»³¹.

Numa espécie de entrevista/relato, neste periódico havaiano, o já então bispo Estevão de Alencastre dizia não ter grandes recordações da viagem propriamente dita. A travessia durou 66 dias e, de acordo com registos vários, nem tudo correu bem. Antes da partida, e após a subida dos emigrantes a bordo, o navio poderia permanecer ainda no porto do Funchal, entre três a seis dias, para que certas formalidades fossem cumpridas. O abastecimento de provisões era de suma importância:

«O vapor inglês Hankow, surto neste porto e que se destina amanhã para Sandwich com emigrantes desta ilha, leva as seguintes provisões: 10.000 kg de carne fresca e carneiro, 6.000 de sopa em lata, 11.000 de bacalhau, 40.000 de semilha, 8.500 de arroz, 5.500 de feijão, 2.900 de ervilha, 25.000 de bolacha, 8.500 de farinha, 10.000 de farinha de milho, 8.400 de açúcar, 2.500 de fruta seca, 3.400 de melaço, 450 de chá, 1.250 de café, 2.200 de sal fino, 60 de pimenta, 4.546 litros de vinagre, 181 de sumo de limão, 3 cascos de azeite doce, 1.000 kg de manteiga de porco, 5.500 de farinha de aveia, 65.466 litros de água e 2 filtros que destilam 10.911 litros de água em 24 horas»³².

Apesar deste abastecimento, demos conta de cartas de passageiros – que escreviam para as suas famílias na Madeira – a relatar maus-tratos, falta de comida, fome e doenças a bordo do *Hankow*. Algumas destas cartas foram publicadas nos periódicos madeirenses, até para dissuadir outras pessoas de emigrar. O periódico *O Direito*, por exemplo, publicou duas cartas de passageiros deste navio. Numa delas,

³¹ *Honolulu Star-Bulletin*, 21 de setembro de 1935, secção III, p. 1.

³² *Diário de Notícias*, 25 de abril de 1883, p. 2.

João de Abreu Pereira³³ revelava que «temos sido muito mal tratados», e João de França³⁴, para além de também mencionar os maus-tratos, acrescentava:

«Com respeito ao comer, muita fome. Quanto à gente, o nosso rancho da manhã é café, mas ninguém o bebe, o jantar são três semilhas podres a cada pessoa, o milho azedo, a farinha de aveia, come-se com muito custo. O arroz é bom. A ração que cabe a mim e à minha família é um prato que quase duas crianças comem, a gente tem de comer bolacha e água para se poder aguentar a vida»³⁵.

Fala ainda da boa saúde do casal e da menor sorte dos seus filhos: «Quanto a Maria e a Cristina, estão com sarampo e Manuel, a sua doença é a barriga»³⁶. De facto, após a chegada do navio, no relatório do cônsul português no Hawaii, António de Sousa Canavarro, este informava que haviam nascido 20 crianças a bordo e lamentava a morte de três mulheres e de 54 crianças, vítimas de uma epidemia de sarampo³⁷. Informava ainda, no mesmo ofício, que à chegada a Honolulu os passageiros haviam apresentado um abaixo-assinado, queixando-se da má qualidade da comida e da insuficiente alimentação.

Estevão Pedro de Alencastre não tinha estas memórias da viagem e também não se recordava se, à chegada, a família ter-se-ia ou não dirigido à Catedral de Nossa Senhora da Paz (em Fort Street, Honolulu) para agradecer a Deus o facto de terem aportado sãos e salvos após a longa travessia. Disse apenas que era possível, uma vez que toda a família, e sobretudo a mãe, era muito religiosa. Lembrava-se, no entanto, de se aborrecer com os presságios da sua devota mãe que insistia em repetir que o seu filho seria padre: «As a boy I had no intention of entering the ministry. It just never entered my mind. But I remember my mother always thought I should become a priest [...]. If I thought of it all, it perhaps irritated me slightly, that she was so sure»³⁸.

³³ João de Abreu Pestana era madeirense, natural da freguesia de São Pedro, casado com Rosalina Pestana. Vd. ABM, Governo Civil do Funchal, Processos de Passaporte, cx. 35, n.º 99, passaporte n.º 196.

³⁴ João de França era um madeirense, natural da freguesia de São Pedro, casado com Joana Pereira de França. Vd. ABM, Governo Civil do Funchal, Processos de Passaporte, cx. 35, n.º 24, passaporte n.º 222.

³⁵ *O Direito*, 29 de agosto de 1883, p. 2.

³⁶ *O Direito*, 29 de agosto de 1883, p. 2.

³⁷ Vd. Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros (AHDMNE), Cartas de Canavarro, ofício de 25 de julho de 1883, n.º 64, cx. 1067.

³⁸ *Honolulu Star-Bulletin*, 22 de dezembro de 1926, p. 6, e 21 de setembro de 1935, secção III, p. 1. Anos mais tarde, após a morte do bispo, o mesmo periódico repete o que havia publicado antes: «At the age of 12 he entered St. Louis College in Honolulu. During those formative years he showed no special signs of piety, but was very energetic and active in all sorts of boyish pranks. His mother, however, used to tell friends "Peter will become a priest"», in *Honolulu Star-Bulletin*, 11 de novembro de 1940, p. 3.

Sendo a sua família católica, é natural que à sua chegada ao Hawaii tenham sido recebidos pelos portugueses católicos que lá residiam e que, em 1883, formavam já uma grande comunidade e congregação.

A chegada da Igreja Católica Romana ao Hawaii remonta a 7 de julho de 1827³⁹ quando, a convite do Papa Leão XII e do príncipe reinante das ilhas havaianas, um pequeno grupo de missionários católicos da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria⁴⁰, num ato de coragem e dedicação, decidiu atravessar o globo e levar Cristo a um povo que não conheciam. A sua missão não foi fácil e, apesar de terem sido perseguidos e deportados para a Califórnia pelo Governo havaiano⁴¹, os padres voltaram às ilhas e aí permaneceram ao abrigo de um tratado estabelecido entre o Governo francês e a Monarquia havaiana⁴², em 1839, assim mudando o destino da Igreja Católica no Hawaii para sempre.

Com o florescimento da fé e o rápido aumento do número de católicos nas ilhas havaianas, tornou-se também imperiosa a construção de escolas que formassem professores e que assegurassem a educação católica⁴³. O progresso das ilhas e o crescimento da Igreja Católica exigiam a presença de mais membros do clero e, a partir de 1878, a emigração portuguesa para as plantações de cana-de-açúcar foi em tão grande número que o então bispo do Hawaii, o bispo Bernard Hermann Koeckemann, sentiu necessidade de chamar padres portugueses que pudessem

³⁹ KUYKENDAL, 1965, *The Hawaiian Kingdom* [...], vol. I, p. 140.

⁴⁰ Congregação francesa fundada pelo abade Marie Joseph Coudrin, figura heroica da Revolução Francesa, e também conhecida por "Picpus Fathers", por estar sediada na rua Picpus, em Paris. Vd. S.A., 1901, «The Catholic Church in Hawaii», p. 55.

⁴¹ Ao abrigo de um decreto do rei: «An Ordinance Rejecting the Catholic Religion», de 18 de dezembro de 1837, que interditava, categoricamente, o catolicismo nas ilhas havaianas. O Protestantismo era a religião oficial no Hawaii, sobretudo protegida por Kaahumanu, a "Kuhina Nui" (primeira rainha e segunda em autoridade. O príncipe regente não podia tomar qualquer medida oficial sem o seu consentimento), que, a princípio, tratava os missionários protestantes com algum desdém e desconfiança, transformando-se mais tarde na sua mais fervorosa adepta e professando publicamente a sua crença na nova religião em 1825. Quando Kaahumanu, a rainha em exercício, percebeu que os católicos começavam a converter alguns dos nativos, ficou indignada e mandou fechar a capela, por eles erigida em 1829, ameaçando de prisão e de trabalhos forçados todos aqueles que professassem tal religião. Vd. KUYKENDAL, 1965, *The Hawaiian Kingdom* [...], vol. I, pp. 163-164.

⁴² Cf. BUNSON, 1977, *Faith in Paradise* [...], pp. 45-46. Diga-se, a título de curiosidade, que o Governo francês reagiu mal à expulsão dos missionários católicos e que, de modo a proteger os seus súbditos, enviou para o Hawaii a fragata *L'Artemise*, sob o comando do capitão Laplace, que apresentou um ultimato ao rei, exigindo a liberdade e a proteção, religiosas e pessoais, dos súbditos franceses. Vd. KUYKENDAL, 1965, *The Hawaiian Kingdom* [...], vol. I, pp. 163-167.

⁴³ A primeira escola deste género teria sido edificada em Honolulu em 1841: "Honolulu Normal School for Teachers". Vd. KUYKENDAL, 1965, *The Hawaiian Kingdom* [...], vol. I, p. 111.

assistir às muitas famílias católicas que aí se estabeleciam e que, no virar do século, formavam já 10% da população das ilhas do Hawaii⁴⁴.

Por altura da chegada de Estevão de Alencastre e da sua família ao Hawaii, em 1883, o episcopado havaiano estava ainda nas mãos do notável e dedicado bispo Koeckemann⁴⁵. A família estabeleceu-se, primeiramente, em Hilo, na ilha grande, também conhecida como Ilha de Hawaii. Aí residiram durante um ano, tendo depois mudado para Waimea, na ilha de Kauai, onde não existia, na altura, uma igreja católica. Foi quando se mudaram para Hana, na ilha de Maui, que Estevão de Alencastre começou a tomar parte ativa na vida da missão católica: ajudava e acompanhava o pároco (o padre Anachaire) nas missas e nas suas deslocações a pé e a cavalo: «Peter became a mission boy, accompanying the priest on his trips from Puuiki to Kipahulu, Kaupo and Ulupalakua. In those days the fathers made the trip on horseback over rough trails, and the mission boys helped to care for the horses and to make themselves useful in other ways»⁴⁶. Quando Estevão de Alencastre tinha 13 anos, a família mudou-se para Honolulu – a capital do arquipélago, situada na ilha de Oahu –, onde o rapaz frequentou o St. Louis College e continuou a participar na vida da missão. Teve, contudo, uma infância e uma adolescência igual a tantos outros meninos da sua idade e o próprio achava que nada faria prever que enveredasse pela vida religiosa: «I was just like the rest of the boys, no better and no worse, I guess. I didn't give any special thought to my future, I wasn't sanctimonious; at least I hope I wasn't. I don't like boys to be too solemn and serious; I want them to have some pep»⁴⁷. Os colegas de escola também o consideravam um menino como eles e só mais tarde, quando o internato começou a ter alguma influência

⁴⁴ Segundo BUNSON, 1977, *Faith in Paradise* [...], pp. 75-76, dois destes padres portugueses foram o padre Domingo do Governo e o padre Alexandre D. de Campos.

⁴⁵ O bispo Koeckemann nasceu na Alemanha em 1828 e sucedeu ao bispo Maigret, tendo sido consagrado em S. Francisco a 21 de agosto de 1881. O seu trabalho pastoral no Hawaii foi notável e até reconhecido pelo rei Kalakaua «who appointed him grand officer of the order of Kalakaua». Durante o seu episcopado, estabeleceu duas missões católicas portuguesas. Preocupado com a educação católica dos jovens, estabeleceu um novo St. Louis College, apetrechando-o com bons professores católicos. Um problema súbito de saúde deixou-o parálítico e veio a falecer a 22 de fevereiro de 1892, deixando como seu sucessor o bispo Gulstan Ropert. Vd. *Honolulu Star-Bulletin*, 13 de setembro de 1941, p. 2.

⁴⁶ *The Catholic Herald*, 15 de novembro de 1940, p. 5. É curioso o que se lê no parágrafo seguinte da mesma página: «This was Peter's real start along the road which led to the episcopate. Unconsciously, he doubtless enjoyed his association with the good priest, but consciously, it was the adventures of travelling throughout the district, of setting out Saturday morning and not returning until Sunday night, that filled his childish heart with glee».

⁴⁷ *The Catholic Herald*, 15 de novembro de 1940, p. 5.

na sua orientação, começaram a achar que o pequeno Pedro talvez enveredasse pelo sacerdócio:

«We knew that he was going to become a priest, perhaps even before he realized it himself. [...] Some of the boys looked upon our religious duties as a task forced upon us, but he always found joy in them. [/] He was a good fellow, and considered one of the boys. Everybody liked him. And yet there was something that seemed to set him aside from the rest of us. [/] He was always kind to everyone, and always willing to help, just as he is today. That's the secret of Bishop Stephen's success: that, and his faculty of still being just one of us at the same time that he is above us»⁴⁸.

Ao terminar o seu percurso académico no St. Louis College, Estevão de Alencastre começou a aperceber-se da sua vocação e, no verão de 1895, quando já tinha 18 anos, optou finalmente pelo sacerdócio. A sua mãe falecera uns anos antes, mas ele jamais se esquecera das suas premonições.

Imagem V – Pai e irmãos do bispo Estêvão de Alencastre (ant. 1902)



Fonte: Propriedade da família Matos Baião; fotografia gentilmente cedida pela bisneta de Maria Amélia Matos Baião e Teodoro João Baião, Maria Amélia da Silva Vieira Valente-Perfeito.

⁴⁸ *The Catholic Herald*, 15 de novembro de 1940, p. 5.

Estevão Pedro de Alencastre contava, então, 18 anos de idade quando o bispo Gulstan Ropert⁴⁹ o levou para o noviciado dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, tendo realizado os estudos superiores de teologia e filosofia na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Foi depois transferido para Courtrai a fim de prosseguir os seus estudos humanísticos em francês, que viriam a ser interrompidos devido a uma doença de origem pulmonar. Estevão de Alencastre foi então enviado para a Escola Apostólica de Simpelveld, na Holanda, para convalescer, porém, o clima frio da Europa não era propício à sua recuperação, dando-se assim o seu regresso às ilhas havaianas. Passou algum tempo em Wailuku e voltou para Honolulu onde foi ordenado subdiácono, a 26 de novembro de 1900, diácono, a 6 de outubro de 1901, e padre com 25 anos de idade, a 5 de abril de 1902⁵⁰. A imprensa havaiana noticiava deste modo a ordenação do padre porto-santense:

«At 7 o'clock this morning, in the Roman Catholic Cathedral, Stephanus Alencastre will be ordained a priest of the order of the Sacred Heart, the Bishop of Panopolis officiating. For the first time in the history of the Catholic Mission of the Hawaiian Islands, an island boy will be given holy orders, and the ceremony will be interesting to many who have known the young priest since his boyhood»⁵¹.

Imagem VI – Padre Estevão de Alencastre (post. 1902)



Fonte: Propriedade da família Matos Baião; fotografia gentilmente cedida pela bisneta de Maria Amélia Matos Baião e Teodoro João Baião, Maria Amélia da Silva Vieira Valente-Perfeito.

⁴⁹ Gulstan Ropert nasceu em França, a 30 de agosto de 1839. Chegou ao Hawaii em 1868 e foi nomeado vigário apostólico. Foi consagrado bispo na Catedral de St. Mary, em São Francisco, a 25 de setembro de 1892. Profundamente interessado na educação dos jovens, construiu uma escola para meninas em Hilo, dirigida por irmãs franciscanas, e ainda uma escola gratuita para rapazes (St. Francis School). Ficou célebre pela sua grande obra e generosidade. Veio a falecer a 4 de janeiro de 1903 com um cancro no estômago. Vd. *Honolulu Star-Bulletin*, 13 de setembro de 1941, p. 2.

⁵⁰ BUNSON, 1977, *Faith in Paradise* [...], pp. 93-94. O percurso académico de D. Estevão de Alencastre é também descrito em FERRARIS, 2000, *Remembering: 175 Years of Mission SS. CC. in Hawaii*, p. 15; FELIX e SENEAL, 1978, *The Portuguese in Hawaii*, p. 107 e em vários periódicos havaianos, como é o caso do *Honolulu Star-Bulletin*, 22 de dezembro de 1926, p. 6, e 13 de setembro de 1941, p. 2.

⁵¹ *Pacific Commercial Advertiser*, 5 de abril de 1902, p. 15. Esta notícia revela ainda que o padre é português e que os seus familiares residem na ilha de Maui. Fala também do seu percurso académico.

A partir de então, o padre Estevão Pedro de Alencastre ficou associado à Catedral de Nossa Senhora da Paz, em Honolulu, desempenhando também trabalho missionário nas restantes ilhas do arquipélago. Depois, foi-lhe atribuída a igreja dos Sagrados Corações, em Punahou, na Wilder Avenue, onde permaneceu durante 15 anos⁵².

Imagem VII – Igreja de Punahou (2003)



Fonte: Fotografia da autora.

Em 1924, o dedicado e empreendedor padre Alencastre visitou Roma e o Papa convidou-o a aceitar o cargo de bispo do Hawaii, tal como havia sido solicitado

⁵² Esta igreja, ainda hoje muito conhecida pela comunidade católica do Hawaii, foi planeada e construída sob a direção de D. Estevão de Alencastre. Vd. *The Honolulu Advertiser*, 10 de novembro de 1940, p. 7. Quando o bispo Estevão de Alencastre soube da sua consagração como bispo coadjutor, comunicou à congregação de Punahou que teria de abandonar a paróquia: «My sucessor will be announced soon and I bespeak for him the same kindness and interest you have shown and given me as your pastor. I have been called to take another post and I expect to leave either Saturday or the following Wednesday for Los Angeles, where I will be consecrated», in *The Honolulu Advertiser*, 28 de julho de 1924, p. 1.

pelo seu antecessor, o bispo Libert Boeynaems⁵³, em 1922. Segundo um jornal madeirense, «o Sr. D. Estevão só aceitou esta honra depois de vir à Madeira»⁵⁴. Acrescenta ainda o referido jornal que Estevão de Alencastre contava, nesta sua visita de 1923⁵⁵ ao arquipélago madeirense, deslocar-se à ilha do Porto Santo, sua terra natal, mas que o mau tempo que se fazia sentir não havia permitido a travessia marítima. Assim, Estevão de Alencastre seguiu para Lisboa, e depois para Roma, onde foi recebido pelo Papa Pio XI, tendo depois visitado a França, a Bélgica e a Inglaterra⁵⁶. Apesar da possível passagem desta ilustre figura pela Madeira, não encontramos referências alusivas a tal visita nos jornais e periódicos desse ano.

Nomeado provincial do Hawaii e do Pacífico em abril de 1924⁵⁷, a 24 de agosto de 1924, em Los Angeles, na Califórnia, Estevão de Alencastre foi consagrado bispo, tomando o título de bispo de Arabissus⁵⁸, sexto e último vigário apostólico do Vicariato Apostólico das ilhas havaianas⁵⁹, exercendo funções de bispo coadju-

⁵³ Nasceu na Bélgica a 18 de agosto de 1857 e chegou ao Hawaii em 1881, ano em que havia sido ordenado padre. Foi consagrado bispo em São Francisco, em 1903. Homem empreendedor que, entre outros grandes feitos, fundou um orfanato em Kalihi e várias paróquias nas ilhas para acomodar uma população católica crescente. Também a Academia dos Sagrados Corações de Jesus e Maria foi fundada no seu tempo. Foi em 1922, quando uma doença de coração o impediu de continuar as suas atividades, que pediu que o padre Estevão de Alencastre, com quem trabalhava, fosse nomeado seu sucessor. Monsenhor Libert Boeynaems era bispo titular de Zeugma e quinto prelado das ilhas do Hawaii. Faleceu a 13 de maio de 1926. Vd. *Honolulu Star-Bulletin*, 13 de setembro de 1941, p. 2.

⁵⁴ *Diário da Madeira*, 17 de agosto de 1930, p. 1.

⁵⁵ Considera-se que, de acordo com diversas informações – a referência de que o bispo só aceitara a nomeação episcopal após a vinda ao arquipélago madeirense, tendo essas negociações principiado em 1922, com o pedido do bispo Boeynaems, e finalizado em 1924, com a consagração prelatícia, e a posterior (em 1930) alusão que teria vindo à Madeira «há cerca de cinco anos» –, D. Estevão de Alencastre visitou a ilha da Madeira em 1923. Todavia, apesar da consulta de diversos periódicos entre 1922 e 1925, não encontramos notícias da sua vinda.

⁵⁶ *Correio da Madeira*, 19 de outubro de 1924, p. 1.

⁵⁷ *Correio da Madeira*, 19 de outubro de 1924, p. 1.

⁵⁸ *Correio da Madeira*, 23 de agosto de 1930, p. 1.

⁵⁹ Tendo os leitores do *Catholic Herald* questionado o título de D. Estevão de Alencastre, eis a resposta: «To understand clearly, we must explain at some length. According to the present rule of the Catholic Church, no bishop can be consecrated a bishop unless he has a spiritual title to a certain, definite and distinct diocese. This diocese he may govern either actually or potentially. Actual government requires that he resides there. Potential does not. [/] Now we know that the Catholic Vicariate of the Hawaiian Islands is not a diocese. For, the ordinary hierarchy of the Church – hierarchy meaning a group of Church officials of higher and lower rank – has not yet been established here. Therefore, it could not have a bishop with ecclesiastical title to the Islands. [/] Yet, because of the great number of priests and Catholic people in the Hawaiian Islands, the head of our Vicariate must needs be a bishop. So, Bishop Alencastre was consecrated a titular bishop, that is a bishop who has spiritual title to some other diocese, yet living here and administering to our Catholic people», in *The Catholic Herald*, 29 de novembro de 1940, p. 1; Sobre o mesmo assunto podemos ler também o *The Honolulu Advertiser*, 3 de maio de 1924, p. 1; 11 de julho de 1924, pp. 1 e 3.

tor⁶⁰, com direito a sucessão, do então bispo havaiano Libert Boeynaems. A imprensa havaiana centrou a sua atenção na consagração deste bispo português, «imbuído de ideais americanos», dando a conhecer a longínqua ilha do Atlântico que lhe serviu de berço:

«Bishop Stephen is the first to hold the office of coadjutor in the Islands and is the youngest priest ever elevated here to the estate of bishop. He is 48 years old and was born in the Island of Porto Santo, famous as the place where Christopher Columbus studied nautical science. Porto Santo is the smallest of the Madeira group of islands»⁶¹.

A tal notícia encontrámos eco na imprensa madeirense em outubro desse ano:

«Neste momento deve já ter sido sagrado na Califórnia, bispo coadjutor de S. Ex.^a Rev.ma o Senhor Bispo do arquipélago Hawaiano, o padre Estevão de Alencastre, nascido na ilha do Porto Santo e embarcado, ainda criança, com os seus pais para aquele arquipélago habitando a cidade de Honolulu e paroquiando na igreja do Coração de Jesus»⁶².

Este bispo, sexto bispo da Sé de Oahu e sexto vigário apostólico da Oceânia Oriental, virou uma nova página na história da congregação missionária dos Sagrados Corações de Jesus e Maria no arquipélago do Hawaii. O seu espírito empreendedor e o seu sentido de organização fortificaram e fizeram crescer a missão. Solicitou a ida de clérigos e administrativos que pudessem levar a cabo os programas e organizações católicas nas ilhas e, em 1927, altura em que a missão do arquipélago havaiano estava dividida em 25 distritos, com paróquias em todas as ilhas, a missão católica contava já com 41 padres de variadas nacionalidades (14 belgas, nove holandeses, 11 alemães, dois franceses, dois portugueses, um irlandês, um polaco e um do Luxemburgo). Estes clérigos, além da fé e do espírito missionário que dedicavam à comunidade, tinham ainda em comum o facto de

⁶⁰ Informando que tinha chegado por cabo na véspera a notícia da nomeação, feita pelo Papa Pio XI, do padre Estevão de Alencastre para bispo coadjutor do bispo Libert Boeynaems, um periódico havaiano explica o que significava esta nomeação: «As coadjutor to Bishop Libert, Father Stephen will rank next to the local head of the church and is in immediate line for appointment as bishop here whenever his superior retires or lays down his high duties», in *The Honolulu Advertiser*, 3 de maio de 1924, p. 1.

⁶¹ *The Honolulu Advertiser*, 23 de setembro de 1924, p. 7. A notícia principal deste jornal era o regresso ao Hawaii do já bispo D. Estevão de Alencastre, após a sua consagração a 24 de agosto de 1924. No dia seguinte, o mesmo jornal relatava a chegada do bispo no dia 23, a multidão que o aguardava, entre civis, membros do clero, confrarias, autoridades, etc. Descrevia também a imponente missa na Catedral de Nossa Senhora da Paz. Vd. *The Honolulu Advertiser*, 24 de setembro de 1924, pp. 1 e 9.

⁶² *Correio da Madeira*, 19 de outubro de 1924, p. 1.

terem de saber falar havaiano, por ser o dialeto local, inglês, que era a língua oficial, e português, porque devido à comunidade crescente que aí se instalara, tornou-se numa das línguas mais faladas no arquipélago. Saliente-se, a este respeito, que na Sé de Honolulu, construída em 1843 e consagrada a Nossa Senhora da Paz, o sermão era dado em português, não só porque a esmagadora maioria dos fiéis eram portugueses, mas também porque se dava importância à preservação da «língua de Camões e Vieira», como lhe chamou D. Estevão de Alencastre⁶³.

Enquanto bispo naquela diocese, o trabalho de D. Estevão de Alencastre foi ímpar. Nas viagens que empreendia tentava requisitar mais missionários e pessoal administrativo e, durante o seu episcopado, foi ajudado por sete irmãos seculares dos Sagrados Corações, 75 irmãs da mesma congregação, dois padres e 44 irmãos marianistas, e 31 irmãs da Ordem Terceira de São Francisco de Siracusa. A sua obra ficou também marcada pela construção de novas igrejas em todas as ilhas e pela remodelação da Catedral de Nossa Senhora da Paz de Honolulu⁶⁴ em 1927, ano em que se celebrou o primeiro centenário do início da missão apostólico-romana no Hawaii⁶⁵. Destacou-se, ainda, pelo seu empenho na educação e formação católica dos jovens residentes no Hawaii, independentemente da sua nacionalidade ou descendência.

⁶³ Entrevista cedida ao padre J[acinto]. da C[onceição]. Nunes e publicada n' *A Esperança*, 1 de novembro de 1930, pp. 257-263.

⁶⁴ Edificada em 1845 às expensas dos católicos havaianos, na sua maioria portugueses. Segundo o bispo D. Estevão de Alencastre, numa entrevista cedida à revista *A Esperança*, em novembro de 1930, esta catedral era «de maiores proporções que a do Funchal, e construída em estilo românico, d'uma beleza tal que faz a admiração de todos os architectos que passam por Honolulu», in *A Esperança*, 1 de novembro de 1930, p. 260.

⁶⁵ Em 1927 celebrou-se, durante três dias, o centenário da fundação da Missão Católica no Hawaii e o governador das ilhas, Wallace R. Farrington, proferia as seguintes palavras: «Hawaii is a wonderful demonstration of the power of tolerance, patience, industry and self sacrifice. All our people join in paying tribute to those who one hundred years ago laid firm foundations and builded well», in *The Honolulu Advertiser*, 14 de maio de 1927, p. 1. A abertura das cerimónias foi feita por D. Estevão de Alencastre, a quem carinhosamente os havaianos chamavam de "Island boy": «It was that "Island boy", the Rt. Rev. Stephen Alencastre, bishop of Arabissus and vicar apostolic of the Hawaiian Islands, sixth Catholic bishop of Hawaii, who this morning formally opened the centennial celebration of the mission with pontifical high mass in the cathedral of Our Lady of Peace», in *Honolulu Star Bulletin*, 14 de maio de 1927, p. 1; Também Schoofs numa descrição detalhada sobre a Missão Católica de Honolulu, refere este acontecimento, dizendo: «The year of 1927 marked a century since the first Catholic missionaries landed in Hawaii. The anniversary was commemorated with a splendor never before seen in Honolulu», in SCHOOFS, 1978, *Pioneers of the Faith* [...], p. 55. O periódico madeirense *Correio da Madeira* também fez eco destas celebrações. Vd. *Correio da Madeira*, 23 de agosto de 1930, p. 1.

Em maio de 1930, a Madeira e o Porto Santo recebiam a notícia da visita do bispo do Hawaii que viria passar uma temporada à sua terra natal⁶⁶. O bispo D. Estevão de Alencastre deixou o Hawaii após as festas da Ressurreição para assistir ao Congresso Eucarístico de Cartago⁶⁷. Visitou Roma e algumas cidades europeias, e rumou depois a Portugal continental. Numa pequena entrevista concedida ao jornal lisbonense *Novidades*, D. Estevão de Alencastre manifestou o desejo de conhecer Fátima: «Vou encantado com tudo o que vejo. Sinto que há um imenso renascimento religioso por toda a parte. E quero ir a Fátima, saber e ver. [...] Parto amanhã e tenciono assistir à festa do dia 13 e da véspera. [...] Um povo que tem Fátima, não pode morrer»⁶⁸.

Assim, o bispo do Hawaii tomou parte na romagem que a Cruzada Nacional Nun'Álvares Pereira promoveu a Ourém, Fátima, Batalha e Campos de Aljubarrota para comemorar a Festa da Pátria⁶⁹. Nestes eventos foi «acompanhado pelo sr. dr. Rosado Fernandes»⁷⁰. Em Ourém, celebrou-se uma missa solene e o bispo de Leiria, que também o acompanhava, dirigiu um elogioso discurso a D. Estevão de Alencastre, «prelado de origem portuguesa que, na Oceania, tem procurado honrar o nome de Portugal, e que, de visita à Europa, não quis deixar de assistir à Festa da Pátria»⁷¹. Nesta missa, foi o bispo D. Estevão de Alencastre quem entoou o *Te Deum*. Presidiu também à peregrinação de Fátima, de 13 de agosto, tendo sido o oficiante da missa solene dos doentes, onde assistiu a 6000 comunhões⁷². Numa carta dirigida ao bispo de Leiria, D. Estevão manifestava as suas impressões nos modos seguintes:

«Se é verdade que a fé se mede pelos sacrifícios que por ela se fazem, grande e profunda deve ser a fé deste povo que não se cansa de cantar os louvores de Maria Santíssima. E estes rasgos de amor à Virgem são coroados, pela maior parte dos devotos peregrinos, com o acto que, entre todos, deve ser o mais agradável àquela mãe celeste – o de

⁶⁶ *O Jornal*, 11 de maio de 1930, p. 1.

⁶⁷ *A Mocidade*, agosto de 1930, p. 4.

⁶⁸ *Diário da Madeira*, 19 de agosto de 1930, p. 1.

⁶⁹ *Diário da Madeira*, 19 de agosto de 1930, p. 1.

⁷⁰ *Diário da Madeira*, 21 de agosto de 1930, p. 1, citando o *Diário de Lisboa* de 16 de agosto de 1930. Para além de falar do percurso de vida de D. Estevão de Alencastre e da sua visita à Madeira, o jornal ainda acrescenta: «O nosso compatriota, bispo de Hawaii é um homem inteligentíssimo, moderno, duma grande simplicidade, afável e desprendido de preconceitos ridículos. Tem, como quase todos os sacerdotes de lá, o seu automóvel, que o conduz, e faz as suas visitas pastorais de hidro-avião e, ainda agora, na sua visita à Europa, onde fez ordenações sacerdotais na Bélgica, na França, na Alemanha e na Holanda, cobriu o percurso Roma-Munich, num Junkers, passando nos Alpes a 4 000 metros de altura».

⁷¹ *Diário da Madeira*, 19 de agosto de 1930, p. 1.

⁷² *Diário da Madeira*, 21 de agosto de 1930, p. 1, citando o *Diário de Lisboa* de 16 de agosto de 1930.

receber, num coração abrasado de amor divino, Jesus no seu sacramento de amor. Foram talvez essas confissões e fervorosas comunhões – sinal incontestável da verdadeira fé viva – o que mais me impressionou e comoveu de tudo quanto presenciei no augusto santuário de Fátima»⁷³.

Após a sua estada em Portugal continental, e por convite da Diocese madeirense⁷⁴, D. Estevão de Alencastre seguiu para a Madeira, a bordo do vapor alemão *Sierra Ventana*, pelas 15 horas do dia 16 de agosto de 1930⁷⁵, com o intuito de visitar também a terra da sua naturalidade, a ilha do Porto Santo. Acompanharam-no o bispo do Funchal, D. António Manuel Pereira Ribeiro, e o cónego Francisco Fulgêncio de Andrade⁷⁶. Estes haviam saído do Funchal, a bordo do vapor alemão *Sierra Cordoba*, a 29 de junho desse ano, para assistir ao Congresso do Apostolado da Oração e do reinado social do Coração de Jesus, realizado em Braga, no princípio do mês de julho⁷⁷. Segundo nos informa o semanário *Correio da Madeira*, o bispo do Funchal teria também aproveitado esta deslocação para fazer uma «cura de águas» nas termas de Melgaço⁷⁸, por assim o exigir o seu estado de saúde.

A 18 de agosto, os bispos do Funchal e do Hawaii desembarcaram no cais do Funchal, onde os aguardavam, entre as autoridades locais, muitos membros do clero e católicos em destaque no meio madeirense⁷⁹. Enquanto permaneceu na ilha da Madeira o bispo do Hawaii ficou instalado no Palácio Episcopal, acedendo ao convite do bispo D. António Ribeiro.

A 23 de agosto de 1930, 47 anos após a sua partida para o Hawaii, o bispo D. Estevão Pedro de Alencastre, que contava então 53 anos de idade, visitou a ilha que o viu nascer. A lancha *Funchal* da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, «amavelmente posta à sua disposição pelo sr. Presidente da Junta Geral»⁸⁰, transportou-o a bordo do vapor *Lima* rumo ao Porto Santo. A visita do

⁷³ *Correio da Madeira*, 20 de setembro de 1930, p. 1. O *Correio da Madeira* reproduziu a notícia a partir de um outro periódico que nos foi gentilmente cedido pelo nosso colega Bruno Costa, a quem agradecemos: *Voz da Fátima*, 13 de setembro de 1930, pp. 1-2. Nestas duas páginas, para além da transcrição da longa carta enviada por D. Estevão de Alencastre ao bispo de Leiria, podemos ler a descrição da peregrinação de agosto de 1930 ao Santuário de Fátima, bem como de alguns momentos pontuais e importantes das cerimónias e ainda uma descrição do percurso e do trabalho do bispo no Hawaii.

⁷⁴ *Diário da Madeira*, 17 de agosto de 1930, p. 1.

⁷⁵ *Diário da Madeira*, 17 de agosto de 1930, p. 1.

⁷⁶ Natural de Água de Pena, nasceu a 20 de fevereiro de 1889 e foi ordenado padre a 19 de dezembro de 1914. Foi cónego da Sé do Funchal e professor, e faleceu a 27 de julho de 1970.

⁷⁷ *A Mocidade*, agosto de 1930, p. 4.

⁷⁸ *Correio da Madeira*, 12 de julho de 1930, p. 1.

⁷⁹ *O Jornal*, 19 de agosto de 1930, p. 1.

⁸⁰ *O Jornal*, 24 de agosto de 1930, p. 1.

bispo do Hawaii, coincidente com os festejos do Espírito Santo, fizeram com que se deslocassem àquela ilha cerca de mil pessoas, distribuídas em três vapores que efetuavam a ligação entre as duas ilhas, o *Gavião*, o *Butio*, que rumaram ao Porto Santo a 22 de agosto, e o já referido *Lima*. Nestas excursões à ilha do Porto Santo tomaram também parte as bandas municipais do Funchal⁸¹, de Câmara de Lobos⁸² e de Santa Cruz⁸³.

Acompanhando o bispo Alencastre, iam o cônego Fernando de Menezes Vaz de Santana⁸⁴, os padres Abel Maria da Silva Branco⁸⁵, José Gonçalves dos Santos⁸⁶, Daniel Nicolau de Sousa⁸⁷ e Carlos Jorge de Faria e Castro⁸⁸, e os seminaristas Gabriel Olavo Garcês⁸⁹ e José Agostinho de Freitas⁹⁰, este aluno de Teologia posto à disposição, pelo bispo D. António Ribeiro, para servir de caudatário do bispo do Hawaii⁹¹.

A propósito da viagem, o correspondente de *O Jornal*, José Marcelino Ezequiel Velosa, acrescentou ao seu relato uma nota curiosa:

«quando a bordo do “Lima” em que vinha o Sr. D. Estevam de Alencastre, um dos sacerdotes que o acompanhavam anunciou que o Porto Santo estava á vista, S. Ex.^a Rev.^{ma} que ia almoçar, escusou essa refeição, declarando que não podia deixar de fixar a vista, dessa hora em diante, na sua terra natal. Levantou-se da sala e veiu para o tombadilho do vapor mitigar as saudades que tinha da sua Ilha»⁹².

⁸¹ Fundada em 1850, foi a primeira banda municipal da ilha da Madeira.

⁸² Fundada a 18 de novembro de 1872.

⁸³ Embora exista uma certa controvérsia quanto à data, é correntemente assumido o ano de 1887 como o ano da sua fundação.

⁸⁴ Segundo as informações, gentilmente cedidas pela Câmara Eclesiástica do Funchal, na pessoa do bispo emérito D. Teodoro de Faria, o cônego Vaz era músico e estudava genealogia. Foi capitular da Sé do Funchal e secretário da Câmara Eclesiástica. Nasceu a 1 de fevereiro de 1884, foi ordenado a 1 de janeiro de 1909 e faleceu a 26 de maio de 1954.

⁸⁵ Nasceu em São Vicente a 8 de julho de 1879, foi ordenado a 21 de dezembro de 1901 e faleceu a 5 de agosto de 1956. Teve a seu cargo as paróquias de São Vicente, São Pedro e Canhas (onde ficou muito conhecido) e foi ainda pároco da Sé do Funchal.

⁸⁶ Nascido no Arco da Calheta a 20 de janeiro de 1884, foi ordenado padre a 21 de novembro de 1912 e faleceu a 1 de março de 1956.

⁸⁷ Nasceu em São Vicente a 5 de dezembro de 1888, foi ordenado a 14 de junho de 1914 e faleceu a 3 de maio de 1954. Foi pároco da Ribeira Brava.

⁸⁸ Nasceu na Ponta do Sol a 23 de abril de 1888, foi ordenado a 24 de novembro de 1912, tendo sido pároco de São Roque e de Santa Maria Maior. Faleceu a 11 de julho de 1971.

⁸⁹ Nasceu no Porto da Cruz a 7 de fevereiro de 1911, foi ordenado a 25 de agosto de 1935 e faleceu a 11 de novembro de 1979.

⁹⁰ Nasceu na Ponta Delgada a 1 de dezembro de 1906, foi ordenado a 17 de julho de 1932 e faleceu a 15 de dezembro de 1988.

⁹¹ *O Jornal*, 24 de agosto de 1930, p. 1.

⁹² *O Jornal*, 26 de agosto de 1930, p. 1.

Imagem VIII – Desembarque na praia do Porto Santo (ant. 1939)



Fonte: ABM, MFM-AV, Perestrellos, n.º inv. PER/011007.

Chegado à ilha do Porto Santo, D. Estevão de Alencastre «desembarcou a cavalo num outro homem, como havia embarcado quando ainda era criança»⁹³, sendo recebido pelas autoridades locais que, em nome do município, lhe apresentaram os cumprimentos de boas-vindas, e sendo alvo de uma imponente e entusiástica recepção por parte do imenso público que aguardava a sua chegada. Desta recepção também fez relato o referido correspondente:

«Dizem-nos que nunca nesta vasta e linda praia [...] se juntou uma multidão tão grande. Das mais afastadas povoações os seus habitantes vieram assistir ao desembarque, cobrindo de flores a figura nobre do distinto Bispo. [...] Muitas senhoras, os elementos mais distintos desta ilha, velhos, crianças, a Câmara Municipal, autoridades, os párcos daqui e representantes do clero do Funchal, depois de saudarem o Prelado, organizaram um cortejo que é imponente. Nas ruas até a igreja formam-se alas de povo. As três bandas que aqui vieram tomar parte nesta festa do Espírito Santo, fazem ouvir música

⁹³ *A Lanterna*, 30 de agosto de 1930, p. 1.

que alegra toda a multidão, associando-se a essa manifestação os veraneantes, e bem assim os numerosos passageiros do «Lima», «Butio» e «Gavião»⁹⁴.

Após o cortejo, que havia sido precedido pelo pendão do Coração de Jesus, D. Estevão de Alencastre deslocou-se à igreja da Piedade para rezar. Depois, dirigindo-se ao imenso público que o acompanhava, pronunciou «uma eloquente oração de comovido reconhecimento aos habitantes do Porto Santo, seus irmãos na Fé e seus compatriotas, pelo carinho que lhe dispensaram»⁹⁵.

Imagem IX – Visita ao Porto Santo (22 de agosto de 1930)



Fonte: Propriedade da família Matos Baião; fotografia gentilmente cedida pela bisneta de Maria Amélia Matos Baião e Teodoro João Baião, Maria Amélia da Silva Vieira Valente-Perfeito⁹⁶.

Pelas 15 horas, e terminado o ato religioso, o bispo do Hawaii foi recebido nos Paços do Concelho daquela ilha, onde se encontravam todos os vereadores⁹⁷ e

⁹⁴ *O Jornal*, 26 de agosto de 1930, p. 1.

⁹⁵ *O Jornal*, 26 de agosto de 1930, p. 1.

⁹⁶ À esquerda, vê-se uma senhora de preto com uma sombrinha; trata-se de Maria Albertina de Matos Baião, prima do bispo D. Estevão de Alencastre; estava de luto pela morte do seu pai, Teodoro João Baião; informação gentilmente cedida pela sua neta, Maria Amélia Valente-Perfeito.

⁹⁷ Segundo a ata da sessão solene de 24 de agosto de 1930, gentilmente cedida pela Câmara Municipal do Porto Santo, estavam presentes Carlos Pestana de Vasconcelos, presidente da edilidade, e Pedro Maria Telo, vogal da Comissão Administrativa. Por motivo justificado, estava ausente desta sessão o vice-presidente. Vd. ABM, Câmara Municipal do Porto Santo, Executivo Municipal, Atas, liv. 3A, fls. 62 v.º-64, em reunião solene de 24 de agosto de 1930.

convidados⁹⁸. Coube a Manuel Gregório Pestana Júnior⁹⁹, a convite do presidente e em nome dos porto-santenses, a apresentação de cumprimentos ao bispo D. Estevão de Alencastre. As palavras de Pestana Júnior, segundo a imprensa regional, foram muito eloquentes e elogiosas. Na ata camarária podemos ler parte da transcrição do seu discurso:

«o homenageado, em virtude da sua inteligência que, aliada à sua energia, actividade e força de vontade, conquistara, ainda bem novo, um alto cargo de destaque: o de Bispo da Diocese de Hawaii – do Estado de Hawaii; que a imprensa americana e a católica de todo o mundo, tem tecido a S. Ex.^a os maiores elogios que se pode conceber, o que, para os habitantes desta ilha, é um orgulho e uma glória o ter como um dos chefes da Igreja Católica, numa nação estrangeira, jamais na dos Estados Unidos da América do Norte»¹⁰⁰.

O bispo D. Estevão de Alencastre mostrou-se sensibilizado pelo discurso proferido e, de acordo com o relato do correspondente Marcelino Velosa, terá mesmo chegado a comover-se com as palavras do advogado porto-santense:

«O distinto advogado, que faz honra ao Porto Santo, de que é filho, ao revelar o seu parentesco com o nobre Prelado, evoca o nome do seu defunto pai, o sr. Manuel Gregório Pestana, que na pia paroquial servira de padrinho ao baptismo do sr. D. Estevam de Alencastre. Esta passagem do seu discurso desperta uma visível emoção no digno Prelado, e para todos é um motivo impressionante. O sr. dr. Pestana Júnior, que proferiu um discurso brilhante, foi alvo de uma estrondosa salva de palmas, e o homenageado teve, nessa ocasião, uma bem significativa demonstração de carinho por parte dos seus conterrâneos e de todos quantos nos Paços do Concelho se associavam a tamanha prova de respeito e simpatia»¹⁰¹.

⁹⁸ De acordo com a mesma ata, contavam-se entre os convidados: Manuel Gregório Pestana Júnior, João de Araújo, Alfredo Teodoro da Ponte Lira, vigário em exercício daquela freguesia, Carlos de Freitas, vigário aposentado, João Crisóstomo de Ornelas, Cláudio António Ruas, José Martinho Alencastre Ornelas, Domingos de Ornelas, Manuel Francisco dos Santos e o tenente Atouguia Machado Pimenta. Vd. ABM, Câmara Municipal do Porto Santo, Executivo Municipal, Atas, liv. 3A, fls. 62 v.º-64, em reunião solene de 24 de agosto de 1930.

⁹⁹ «Nasceu na ilha do Porto Santo a 16 de Agosto de 1886 e é filho de Manuel Gregorio Pestana e de D. Carolina dos Ramos Pestana. É bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra e exerce a advocacia nas comarcas desta ilha. Tem exercido entre nós varias comissões de serviço público. Representou a Madeira nas primeiras constituintes que funcionaram de 1911 a 1915 e na sessão legislativa de 1915 a 1917. É vasta a sua colaboração em diversos jornais e publicou os folhetos *O Problema Sacarino e Reconhecimento do Arquipélago da Madeira* (1921). [/] Foi ministro das Finanças e em 1928 publicou o interessante e erudito estudo histórico intitulado *D. Cristobal Conom ou Syman Palha*», in SILVA e MENESES, 1998, *Elucidário Madeirense*, vol. III, p. 77.

¹⁰⁰ Ata da sessão solene de 24 de agosto de 1930, da Câmara Municipal do Porto Santo. Vd. ABM, Câmara Municipal do Porto Santo, Executivo Municipal, Atas, liv. 3A, fls. 62 v.º-64, em reunião solene de 24 de agosto de 1930.

¹⁰¹ *O Jornal*, 26 de agosto de 1930, p. 1.

Também discursou nesta sessão solene, e desta vez em nome dos madeirenses, João de Araújo, tecendo elogios ao bispo do Hawaii que, comovido, fez depois uso da palavra. A este propósito, consta da ata camarária:

«Finalmente tomou a palavra S. Ex.^a o Reverendíssimo Bispo D. Estevão (Pedro) d'Alencastre que, levantando-se grandemente comovido e com as lágrimas nos olhos, disse que o acto a que estava assistindo era um dos mais solenes da sua vida e pedia desculpa à assistência em não poder exprimir-se na língua portuguesa, como era seu desejo, mas não o podia fazer em virtude de ter saído desta ilha ainda em creança e ter sido educado em estabelecimentos ingleses e francezes; que a língua portuguesa só é falada pelas pessoas já idosas, isto é, as primeiras que para ali emigraram; que apesar de ter deixado esta ilha há cerca de quarenta e sete anos, nunca se esquecerá dela onde nasceu, onde foi criado e onde pela primeira vez recebera a luz do sol; que mais cedo desejava visitar a sua pátria e os seus compatriotas, como era intenção sua há cerca de cinco anos, quando estivera de passagem pela Madeira, não o podendo fazer em virtude de falta de comunicação entre as duas ilhas; que mal pensava que os seus irmãos portossantenses lhe dispensassem tão carinhosa quão acolhedora recepção; que conhece por que transes tem passado o Porto Santo e em vários actos religiosos invoca o auxílio do Altíssimo para socorrer e proteger os habitantes desta ilha, o que faz nesta ocasião»¹⁰².

A partir da leitura desta ata, somos levados a crer que D. Estevão de Alencastre não falava português e que, por isso, teria precisado de um intérprete. Porém, consideramos que vários aspetos devem ser levados em linha de conta. Tendo saído da ilha do Porto Santo com seis anos, o então menino Estevão Pedro de Alencastre dominaria bem a língua portuguesa. Os seus pais emigraram já com 39 e 42 anos e, além de Estevão Pedro de Alencastre, seguiram também dois irmãos mais velhos. Ora, é natural que durante largos anos, senão mesmo enquanto os seus pais foram vivos, a família tenha sempre comunicado em português.

A título de curiosidade referimos um jornal havaiano que alude precisamente à proficiência linguística do bispo Estevão de Alencastre. Relata o dito diário que, durante uma visita aos arquivos estatais do Hawaii, o bispo se disponibilizou para traduzir, do latim, e com imensa facilidade, uma carta do Papa dirigida em tempos à rainha Liliuokalani, bem como uma carta, em português, assinada pelo rei D. Carlos I de Portugal a anunciar o nascimento do príncipe herdeiro, D. Manuel. Neste caso em particular, refere o periódico: «being of Portuguese birth this letter was also easily translated». Seguiram-se as traduções de uma carta assinada pela rainha de Espanha, outra pelo cardeal italiano Rampolla (o bispo havia passado alguns anos

¹⁰² Ata da sessão solene de 24 de agosto de 1930 da Câmara Municipal do Porto Santo. Vd. ABM, Câmara Municipal do Porto Santo, Executivo Municipal, Atas, liv. 3A, fls. 62 v.º-64, em reunião solene de 24 de agosto de 1930.

em Itália e por esse motivo era-lhe fácil a leitura em italiano), outra carta de 1870, assinada pelo rei francês, outra pelo rei Leopoldo da Bélgica, tendo apenas referido as suas limitações linguísticas quando lhe foi apresentada uma carta do rei dos Países Baixos. O jornal revela ainda que o bispo era também proficiente no dialeto havaiano¹⁰³.

Além disso, numa entrevista concedida à revista *A Esperança*, o bispo do Hawaii lamentava o facto de já quase não se falar português naquele arquipélago:

«Infelizmente devido á falta de professores que, no princípio, logo após a época da emigração, ensinassem a língua portugueza, já se encontra muitos filhos de portuguezes que quasi não sabem falar a língua de Camões e Vieira.

Como portuguez lastimo isso imensamente e devo dizer-lhe que a catedral de Honolulu é o único templo do arquipélago onde ainda se préga o evangelho em portuguez. Em todas as outras igrejas católicas o sermão e a catequeze são feitos em inglez, que é a língua oficial do Paiz. [...] Primeiramente á falta de professores. As escolas oficiais são dirigidas por professores americanos e as escolas livres, católicas, teem como professores padres ou irmãos belgas. Como vê, nestas circunstâncias, é quasi impossível o ensino da língua portugueza. Os proprios paes, geralmente, falam inglez com os filhos! Falando-se inglez somos entendidos por todos...»¹⁰⁴.

O facto de, na catedral do Hawaii, o Evangelho ser ainda pregado em português, associado ao facto do bispo lamentar a perda gradual da língua portuguesa, por parte dos descendentes madeirenses e açorianos, poderiam ser elementos reveladores de que o bispo do Hawaii, natural do Porto Santo, era ainda capaz de perceber bem a língua do seu país de origem, e mesmo falá-la.

Acrescente-se ainda, para corroborar este nosso pressuposto, que enquanto esteve no Continente, na Madeira e no Porto Santo, D. Estevão de Alencastre foi, consecutivamente, agraciado com discursos e elogios. Teria tido sempre um intérprete nestas ocasiões? Referiu-se já que ao chegar ao Porto Santo, além de receber os cumprimentos habituais, D. Estevão de Alencastre proferiu uma oração, dirigindo-se ao povo que o acompanhara na procissão. Imaginamos que esta alocação teria sido em português para que as pessoas o entendessem.

Naturalmente, o bispo terá também travado diálogo com populares, que por um ou outro motivo quizeram saudá-lo ou felicitá-lo:

«Sua Ex.^a Rev.^{ma} que honra o nome de Portugal em tão longínquas paragens, recebeu durante a sua estada tanto no continente, como na Madeira e Porto Santo, terra de sua

¹⁰³ *The Honolulu Advertiser*, 24 de abril de 1930, p. 3. Num artigo muito mais recente, da autoria de Bob Krauss, este refere que D. Estevão de Alencastre falava espanhol, português, francês, latim e inglês. Vd. *The Honolulu Advertiser*, 21 de março de 2001, secção B, p. 1.

¹⁰⁴ *A Esperança*, 1 de novembro de 1930, pp. 259-260.

naturalidade, as maiores provas de estima e simpatia, captivando todas as pessoas que tiveram o ensejo de falar com S. Ex.^a Rev.^{ma}»¹⁰⁵.

Chegou também a conversar com familiares que viviam no Porto Santo: «tendo-se demorado ali algum tempo a conversar com a sua prima, sr.^a D. Maria Albertina Matos Baião e a mãe desta, sr.^a D. Maria Amélia Matos Baião»¹⁰⁶. Acreditamos, por tudo isto, que era possível ao bispo Estevão de Alencastre exprimir-se em português, admitindo que seria plausível o recurso ao inglês em ocasiões mais formais, quando não tinha previamente preparado o seu discurso. Certo é que o *Catholic Herald*, ao relatar o percurso do bispo e a sua passagem pela ilha da sua naturalidade, o Porto Santo, refere: «A pontifical high mass was celebrated in the capital of the Island by Bishop Stephen, who spoke to the congregation in Portuguese»¹⁰⁷. No entanto, estas são apenas suposições que não põem de parte a existência de um intérprete a tempo inteiro.

Durante a sua estada no Porto Santo, o bispo do Hawaii, D. Estevão de Alencastre, foi hóspede do pároco do Porto Santo, o padre Alfredo Teodoro de Ponte Lira¹⁰⁸. *O Jornal* havia noticiado que o bispo ficaria hospedado em casa do seu primo Teodoro João Baião, proprietário no Porto Santo¹⁰⁹, no entanto, tal notícia é pouco credível uma vez que as outras fontes noticiosas asseguram o contrário, tendo mesmo o *Diário da Madeira* afirmado que o bispo do Hawaii «visitou a casa de seus falecidos pais, onde nasceu e, seguidamente, a de seu primo também já falecido, Teodoro João Baião, que foi notário no Porto Santo»¹¹⁰.

Já pela noite do dia 23 de agosto, D. Estevão de Alencastre foi novamente homenageado pelo padre Daniel Nicolau de Sousa, orador das matinas que se realizaram na igreja paroquial de Nossa Senhora da Piedade.

O dia 24 de agosto de 1930 foi, para a ilha do Porto Santo e para o bispo do Hawaii, um dia especial. O filho ilustre daquela ilha celebrou, pela primeira vez na História do Porto Santo, uma missa pontifical¹¹¹ na igreja de Nossa Senhora da Piedade, onde fora batizado. Esta missa, não só celebrava a festa do Divino Espírito

¹⁰⁵ *A Esperança*, 1 de outubro de 1930, p. 253.

¹⁰⁶ *Diário da Madeira*, 26 de agosto de 1930, p. 2.

¹⁰⁷ *The Catholic Herald*, 15 de novembro de 1940, p. 5.

¹⁰⁸ Natural do Arco da Calheta, nasceu a 9 de novembro de 1904, foi ordenado a 24 de setembro de 1927 e faleceu a 14 de setembro de 1982.

¹⁰⁹ *O Jornal*, 24 de agosto de 1930, p. 1.

¹¹⁰ *Diário da Madeira*, 26 de agosto de 1930, p. 2.

¹¹¹ Nome dado às missas solenes, com canto, celebradas por um bispo.

Santo, ou a passagem de D. Estevão de Alencastre pela terra que o viu nascer, mas celebrava também o sexto aniversário da sua sagração episcopal.

Para esta ocasião solene e por ser dia de São Bartolomeu Apóstolo, o bispo «revestiu-se com ricos paramentos vermelhos e usou de ricas insígnias vindas da Sé do Funchal»¹¹². Esta missa teve como mestre de cerimónias o padre Jorge de Faria e Castro e foi orador o cónego Fernando Menezes Vaz que, «no seu eloquente discurso, fez elogiosas referências ao Senhor D. Estevão de Alencastre»¹¹³. A esta missa, cuja música de coro foi executada por um grupo de músicos e cantores da ilha da Madeira, assistiram «centenas de famílias, que tiveram de ocupar o adro, quando o templo literalmente se encheu de povo, muito antes da realização daquele piedoso acto»¹¹⁴.

Após a cerimónia, o bispo ministrou o sacramento do crisma, ou da confirmação, a cerca de 100 pessoas, a que se seguiu a bênção de uma valiosa imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, oferecida à igreja paroquial do Porto Santo por Jaime Policarpo de Abreu, proprietário da Botica Inglesa no Funchal, e também proprietário naquela ilha¹¹⁵.

Na noite de 24 de agosto de 1930, domingo, D. Estevão de Alencastre participou ainda no arraial do Espírito Santo. Este arraial foi animado pelas bandas de música que se encontravam na ilha, e a favor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Piedade, que precisava de obras de reparação, organizaram-se vendas de flores e bazares, cujas rifas teriam sido cobertas com generosos donativos por parte dos veraneantes e visitantes¹¹⁶. Pela mesma causa, diz-se que os veraneantes «promoveram uma subscrição, a qual foi iniciada com a quantia de 500\$00, pelo digno bispo de Hawai, que prometeu concorrer com um donativo maior»¹¹⁷.

O bispo D. Estevão de Alencastre demorou-se na ilha do Porto Santo cerca de 15 dias. Após uma despedida «extraordinariamente afectuosa, na qual tomaram parte, pode dizer-se, quasi todos os conterrâneos do distinto representante da igreja católica em Sandwich»¹¹⁸, o prelado havaiano rumou novamente à Madeira, desta vez a bordo do vapor *Gavião*, a 7 de setembro.

¹¹² *O Jornal*, 26 de agosto de 1930, p. 1. Os paramentos eram vermelhos por se celebrar nesse dia um mártir, São Bartolomeu.

¹¹³ *Diário da Madeira*, 26 de agosto de 1930, p. 2.

¹¹⁴ *O Jornal*, 26 de agosto de 1930, p. 1.

¹¹⁵ *Diário da Madeira*, 26 de agosto de 1930, p. 2.

¹¹⁶ *O Jornal*, 26 de agosto de 1930, p. 1.

¹¹⁷ *Diário da Madeira*, 26 de agosto de 1930, p. 2.

¹¹⁸ *Diário da Madeira*, 9 de setembro de 1930, p. 1.

Segundo o *Diário da Madeira*¹¹⁹, a 13 de setembro o bispo ter-se-á deslocado ao Santo da Serra, onde visitou o pároco dessa freguesia, José Lino da Costa¹²⁰ e ainda Júlio Inocêncio de Alencastre Rego, um seu parente que aí fixara residência. De regresso, ter-se-á demorado por Machico, onde jantou em casa do cônego Manuel Mendes Teixeira¹²¹. Durante a sua estada visitou também Francisco Ascensão de Freitas¹²², pároco do Caniço, aproveitando para assistir ao arraial que se celebrava naquela freguesia.

No dia 15 de setembro, D. Estevão de Alencastre deslocou-se a Santa Cruz, onde jantou em casa do seu amigo Eduardo Luís Rodrigues¹²³, chefe aposentado da secretaria da Câmara Municipal daquele concelho. Deste jantar tomaram também parte, para além da família de Eduardo Rodrigues, os padres António de Gouveia e Freitas¹²⁴ e João Pedro de Freitas¹²⁵, então vigário e cura da referida freguesia¹²⁶.

No dia 18 de setembro de 1930, depois de ter passado um mês entre a Madeira e o Porto Santo, D. Estevão de Alencastre, o bispo do Hawaii, partiu a bordo do vapor inglês *Armandale Castle* rumo a Southampton¹²⁷. No cais do Funchal, o bispo foi homenageado com uma afetuosa despedida, tendo sido depois acompanhado a bordo pelo bispo do Funchal, D. António Manuel Pereira Ribeiro. Saiu de Inglaterra a 26 de setembro a bordo do navio *Europa*, da Nordensather Loyd, rumo a Nova Iorque, onde chegou no dia 1 de outubro.

Inquirido, pelo padre Jacinto da Conceição Nunes, sobre as impressões que levava da Madeira e do Porto Santo, o bispo D. Estevão Pedro de Alencastre respondeu:

¹¹⁹ *Diário da Madeira*, 17 de setembro de 1930, p. 1.

¹²⁰ Nasceu no Estreito de Câmara de Lobos a 13 de dezembro de 1891, foi ordenado padre a 14 de junho de 1914 e faleceu a 18 de maio de 1945.

¹²¹ Nasceu a 19 de fevereiro de 1876 em Machico, foi ordenado a 17 de dezembro de 1898 e faleceu a 22 de fevereiro de 1945.

¹²² Nasceu no Estreito de Câmara de Lobos a 14 de maio de 1867, foi ordenado a 21 de dezembro de 1895 e faleceu a 3 de agosto de 1946.

¹²³ *O Jornal* avançou a notícia de que o bispo Estevão de Alencastre passaria uns dias em Santa Cruz, hóspede deste seu amigo que, segundo o mesmo diário, teria sido um abastado proprietário daquele concelho. No entanto, seguindo o percurso do bispo durante a sua estada na Madeira, somos levados a crer que tal não aconteceu. Vd. *O Jornal*, 19 de agosto de 1930, p. 1.

¹²⁴ Nasceu em Santa Cruz a 13 de fevereiro de 1876, foi ordenado padre a 5 de outubro de 1902 e faleceu a 22 de agosto de 1950.

¹²⁵ Nasceu a 28 de fevereiro de 1892, em Santa Cruz, foi ordenado a 22 de dezembro de 1916 e faleceu a 8 de junho de 1946.

¹²⁶ *Diário da Madeira*, 17 de setembro de 1930, p. 1.

¹²⁷ *A Mocidade*, setembro de 1930, p. 2.

«As melhores, d'essas que são indeleveis na nossa alma. A beleza de paisagem da Madeira fica perpetuamente nos meus olhos, como no meu coração fica a lembrança de tantos obsequios recebidos dos madeirenses.

Quanto ao Porto Santo, não esquecerei nunca o entusiasmo e carinho com que fui recebido na terra de meus paes, as extremas amabilidades dos meus parentes e a franca hospitalidade do Padre Lira. S. Ex.^a disse isto em tom comovido»¹²⁸.

Segundo esta entrevista¹²⁹ ao bispo D. Estevão de Alencastré, realizada pelo referido padre no Paço Episcopal, o arquipélago havaiano, em 1930, contava com cerca de 350 000 habitantes, entre os quais malaios, os naturais das ilhas, portugueses, belgas, alemães, holandeses, japoneses e chineses, sendo a colónia europeia mais importante a portuguesa, que contava com cerca de 30 000 pessoas, todas de origem madeirense ou açoriana, embora poucas falassem português por esta altura, como já tivemos oportunidade de referir.

No que diz respeito aos católicos, que outrora eram na maioria portugueses, em 1930 seriam já cerca de 120 000. Em Honolulu existiam oito das 115 paróquias do arquipélago, cada uma com a sua igreja. A grande missão do bispo do Hawaii continuava a ser o recrutamento de padres e missionários para o Pacífico, uma vez que, por essa altura, tinha apenas 45 sacerdotes que em cada domingo percorriam distâncias imensas para poder dar duas missas.

Por esta altura, a capital do Hawaii, segundo informou o bispo, era já uma cidade moderna onde predominava ainda a indústria açucareira¹³⁰, que levou tantos madeirenses a abandonarem a sua terra natal e a tentarem aí a sua sorte. Tinha também muitas escolas¹³¹, uma universidade e um seminário que havia sido fundado em janeiro de 1930, ou seja, pouco antes da partida de D. Estevão de Alencastré para a Europa e depois para a Madeira e Porto Santo.

As escolas tinham um papel primordial na educação e formação dos jovens. Numa entrevista cedida a um jornal de Lisboa, *Novidades*, o bispo evidenciava a importância das escolas na formação católica, dizendo que ao lado de cada

¹²⁸ *A Esperança*, 1 de novembro de 1930, p. 263.

¹²⁹ *A Esperança*, 1 de novembro de 1930, pp. 257-263.

¹³⁰ A propósito da indústria açucareira o bispo D. Estevão de Alencastré referiu que apesar de, devido à lei seca, ser ilícito o fabrico de álcool, o fabrico clandestino, associado à falta de fiscalização, «envenenava muita gente». Vd. *A Esperança*, 1 de novembro de 1930, p. 261.

¹³¹ *Diário da Madeira*, 19 de agosto de 1930, p. 1.

igreja, erigia-se também uma escola. Estas eram escolas modernas, com materiais atualizados, e eram dirigidas por professores belgas competentes, zelosos e dedicados, que a par da instrução, ministravam o ensino católico¹³².

No dia 11 de novembro, D. Estevão de Alencastre estaria de volta ao Hawaii. Um jornal da época dava conta:

«Bishop Stephen, who returned yesterday aboard the Matson liner Maui from a six months tour abroad during which time he visited his old home at Porto Santo, a small island near Madeira. The Bishop also paid a visit to Rome where he had an audience with the Pope, whom he found to be in excellent health despite rumors to the contrary. The Bishop was accorded a bid reception when he visited his birthplace, the return being his first since he left there 47 years ago. [/] He was accompanied to the Islands by three bands and six priests from Madeira, he said, and remained two weeks. The home in which he was born is still standing and efforts are being made by the bishop of Madeira to purchase it for a school, he stated»¹³³.

Após o seu regresso, D. Estevão de Alencastre continuou o seu trabalho louvável e empreendedor que lhe valeu o cognome de *The Builder*¹³⁴. Particularmente interessado no aumento do corpo missionário e na educação católica dos jovens, fundou um seminário em Honolulu e foi durante o seu episcopado que as ilhas havaianas conheceram a maior expansão da igreja católica:

«His whole life was one of intense zeal and proud success. It was crowned with strength and achievement and to a glory to the land of his birth and to the country of adoption which he loved. The churches and schools which were built during Bishop Stephen's administration would be enough to immortalize anyone. These include 44 churches, 11 schools and 23 rectories throughout the territory»¹³⁵.

Em setembro de 1938, os jornais havaianos deram a notícia de que o bispo Estevão de Alencastre havia sido hospitalizado no St. Francis Hospital, vítima

¹³² *Diário da Madeira*, 19 de agosto de 1930, p. 1.

¹³³ *The Honolulu Advertiser*, 12 de novembro de 1930, p. 6.

¹³⁴ Ao receber a notícia da sua morte, um periódico havaiano dizia a este propósito: «As a Churchman he was energetic, aggressive and progressive, a builder», in *The Honolulu Advertiser*, 11 de novembro de 1940, p. 1.

¹³⁵ *Honolulu Star-Bulletin*, 15 de novembro de 1940, p. 2. Noutro jornal podemos também ler: «During his regime as bishop, the Catholic church received its greatest expansion throughout the Islands. The St. Francis hospital was built and many new church structures were erected. St. Louis College was greatly benefited through his efforts in its removal to the new site in Kaimuki», in *The Honolulu Advertiser*, 10 de novembro de 1940, p. 7.

de doença súbita, provocada por excesso de trabalho. Havia sido recomendado repouso absoluto e a proibição de visitas¹³⁶. Aparentemente, o bispo não recuperou totalmente, o que foi confirmado em notícias após a sua morte¹³⁷.

A 9 de novembro de 1940, o bispo D. Estevão Pedro de Alencastre faleceu devido a uma hemorragia cerebral, a bordo do *Matsonia*, quando regressava de uma viagem a Los Angeles, onde fora participar na celebração do centenário da chegada do primeiro bispo católico romano à diocese californiana¹³⁸. A notícia da morte deste bispo, com 64 anos de idade e natural da ilha do Porto Santo, cobriu os periódicos havaianos de então, que eram o espelho da consternação sentida em todo o arquipélago¹³⁹. O corpo chegou a Honolulu, a capital situada na ilha de Oahu, no dia 13 de novembro¹⁴⁰ e o seu funeral, realizado a 15 do mesmo mês, foi imponente, juntando cerca de dez mil pessoas num cortejo fúnebre desde a catedral até ao cemitério católico da rua King, em Honolulu, onde permanece o seu túmulo, ao lado dos de outros bispos havaianos¹⁴¹.

¹³⁶ *The Honolulu Advertiser*, 2 de setembro de 1938, p. 1; *Honolulu Star-Bulletin*, 2 de setembro de 1938, p. 2.

¹³⁷ *The Honolulu Advertiser*, 10 de novembro de 1940, p. 1; 15 de novembro de 1940, p. 1.

¹³⁸ Partiu de Honolulu a 4 de outubro de 1940, a bordo do *Lurline*. Vd. *The Catholic Herald*, 4 de outubro de 1940, p. 12; *The Honolulu Advertiser*, 10 de novembro de 1940, pp. 1 e 7.

¹³⁹ Veja-se, como exemplo, o *The Honolulu Advertiser*, 10 de novembro de 1940, p. 1, que em duas linhas que ocupam toda a extensão da página frontal, escreve em letra maiúscula: «BISHOP S. P. ALENCASTRE DIES SUDDENLY ON LINER», para de seguida acrescentar o subtítulo: «Catholic Church Head in Hawaii Was On Way Home From The Coast». A notícia iniciava-se assim: «News of the death of the Right Reverend Stephen Peter Alencastre, Bishop of Arabissus and Vicar Apostolic of Hawaii at sea, Saturday evening, has saddened Churchmen and the Laity alike, for he was greatly beloved by the Catholic congregations and respected by the entire Hawaiian community. He has been in gradually failing health for the past three years», in *The Honolulu Advertiser*, 10 de novembro de 1940, p. 1.

¹⁴⁰ *Honolulu Star-Bulletin*, 14 de novembro de 1940, p. 1. Nesta notícia ficamos também a saber que centenas de pessoas consternadas fizeram a vigília na véspera do funeral: «the mourners entered, kneeling at the foot of the casket. Men and women wept as they looked for the last time on the face of their beloved spiritual leader».

¹⁴¹ *Honolulu Star-Bulletin*, 12 de novembro de 1940, p. 3. Nesta notícia, em particular, podíamos ler: «It has been requested that no flowers be sent but mass offerings will be welcome. The services will be open to the public. There will be a reserved section for members of the bishop's family, the Catholic brothers and sisters, army, navy and civil authorities and pall bearers»; *The Honolulu Advertiser*, 13 de novembro de 1940, p. 1; Em *The Honolulu Advertiser*, 15 de novembro de 1940, pp. 1 e 7, sob o título «Bishop Stephen Funeral Today», ficamos a saber todos os pormenores desde a preparação do corpo na casa mortuária até aos serviços fúnebres, presença de pessoas ilustres, percurso do cortejo, discursos, etc. Outra descrição minuciosa pode ser lida em *Honolulu Star-Bulletin*, 15 de novembro de 1940, pp. 1-2.

Imagem X – Lápide da campa do bispo Estevão de Alencastre¹⁴² (2003)



Fonte: Fotografia da autora.

A 22 de novembro, o periódico católico *The Catholic Herald* dedicava quatro páginas ao prelado, sob títulos como «Final Rites Held For Bishop Stephen Alencastre», «Eulogy To The Late Bishop Stephen P. Alencastre», «Final Rites Are Held for Bishop Stephen at Cathedral», «Kalihi Orphanage Pays Heartfelt Tribute to Bishop Stephen», «Our Shepherd is Dead», «Third Order of St. Francis Pay Tribute to Bishop Stephen», «Father Logan Pays Tribute to Bishop Stephen», e «Chinese Catholic Club Pay Tribute to Bishop Stephen». No início, descreve, quase que pictoricamente, o seu funeral:

«No one could have been present at the Cathedral on Fort Street last Friday for the funeral of our late beloved Bishop Stephen P. Alencastre without realising the great power this eminent churchman was in our city. The “first of firsts” among the leading citizens, we would say. When with the comparatively small population of our city,

¹⁴² Aqui se lê: «Most Reverend Bishop STEPHEN P. ALENCASTRE, Bishop of Arabissus, Vicar Apostolic of the Hawaiian Islands. Born in Porto Santo, Portugal, Nov. 3. 1876, Died at Sea Nov. 9. 1940. R.I.P.».

a Church can be jammed with more than a thousand people with another three thousand outside clamour for admission! When 10.000 will march in the funeral procession, with perhaps another 10.000 lining the streets in respectful and reverent silence as the funeral cortege passes by – the leading citizen indeed! [/] This was undoubtedly due to Bishop Stephen's personality and prominence in the city, but also to his position as Bishop and Shepherd of the largest Christian church in the Islands»¹⁴³.

No seu discurso fúnebre, o padre Patrick Logan, em nome dos havaianos, pronunciava em gesto de despedida: «Aloha! Bishop Stephen, beloved of God and men, whose memory is in benediction; we have loved you in life, we will not forget you in death. Aloha!»¹⁴⁴. Num tributo publicado após a sua morte evidenciava-se bem o seu carácter benfeitor e empreendedor:

«Bishop Stephen's episcopate throughout Hawaii has been marked by steady progress, efficient organization, a businesslike financial administration... He himself was known as a man of gentle and persuasive personality, and as a churchman of staunch adherence to the principles of his religion. His contacts with the laity are many and he enjoyed a wide circle of friends and acquaintances throughout the islands»¹⁴⁵.

No Hawaii, a obra de D. Estevão de Alencastre, natural do Porto Santo, não foi esquecida. Por todo o lado surgiam tributos e homenagens, como a dos sindicatos marítimos que não se esqueceram da ajuda do bispo em tempos difíceis e dedicaram-lhe uma placa: «To pay tribute to the late Bishop Stephen P. Alencastre, the maritime unions on the Pacific Coast and Hawaii have erected a plaque near the entrance of the Lady of Peace cathedral on Fort Street. [...] The inscription on the plaque reads: "Labor never forgets"»¹⁴⁶. Mais recentemente, numa cerimónia que teve lugar no St. Louis College, soube-se que a administração da escola

¹⁴³ *The Catholic Herald*, 22 de novembro de 1940, pp. 1-4. Outros periódicos relatam também os ritos finais em memória do bispo D. Estevão de Alencastre, como é o caso do *The Honolulu Advertiser*, 16 de novembro de 1940, pp. 1 e 9.

¹⁴⁴ *The Honolulu Advertiser*, 16 de novembro de 1940, p. 1; *The Catholic Herald*, 15 de novembro de 1940, p. 2.

¹⁴⁵ FERRARIS, 2000, *Remembering: 175 Years of Mission SS. CC. in Hawaii*, p. 15. Podemos ler também num jornal havaiano: «Bishop Stephen was interested in human affairs, his broad sympathies and deep understanding transcending the narrow bounds of race, class or creed. Sincere and tolerant, his friendships, unnumbered, extended beyond the bounds of men of his own faith», in *The Honolulu Advertiser*, 11 de novembro de 1940, p. 1.

¹⁴⁶ *Honolulu Star-Bulletin*, 27 de fevereiro de 1941, p. 6. De acordo com a história contada pela sua sobrinha Angela Alencastre ao jornalista Bob Krauss, em 1936, durante uma grande greve/protesto dos sindicatos marítimos, o bispo acolheu os marinheiros nas antigas instalações do St. Louis College, dando-lhes o abrigo que eles não tinham. Vd. *The Honolulu Advertiser*, 21 de março de 2001, secção B, p. 1. Noutro periódico, aquando do seu funeral, podemos ler: «At 7 a.m. today a large group of seamen attended a special mass in memory of Bishop Stephen's kindness to them when they were homeless in Honolulu during the 1936 maritime strike», in *Honolulu Star-Bulletin*, 15 de novembro de 1950, p. 2.

havia acrescentado mais cinco nomes à lista dos ilustres licenciados. O jornalista, Bob Krauss, que assina a coluna «Our Honolulu» e a notícia «Local boy makes good as bishop», escreve:

«The fifth name is one you probably never heard of, though he may be the most interesting of the lot: Stephen Alencastre, the first local boy to become a Catholic bishop in Our Honolulu. The reason you don't know much about Alencastre is that he died in 1940. Ten thousand people marched in his funeral procession, from the Fort Street Cathedral to the Catholic cemetery on King Street near Thomas Square»¹⁴⁷.

Os havaianos ficaram com a memória de um bispo que contribuiu para o desenvolvimento das ilhas e que a elas prestou um serviço espiritual valioso. A generalidade dos seus conterrâneos, na Madeira e no Porto Santo, mais depressa se esqueceria da «figura esbelta e insinuante, de maneiras fidalgas e trato primoroso, sem afectação no seu falar»¹⁴⁸, que havia passado pelo arquipélago português, de visita à sua terra natal.

Porém, a 14 de dezembro de 1944, na reunião ordinária da Câmara Municipal do Porto Santo, o então presidente Agostinho António apresentou a seguinte proposta:

«É tradição dos povos homenagear os seus concidadãos que, pelo estudo, pelo trabalho e por actos de grande heroicidade, atinjam uma tal culminância, que os tornam merecedores dessa homenagem. De uma maneira geral, essa homenagem consiste em perpetuar-se, por qualquer forma, os nomes desses concidadãos; de maneira a que os seus nomes e a razão dessa homenagem, estimule os seus vindouros, para que se tornem também úteis à sua pátria e, sobretudo, à sua terra natal. Porto Santo não foge à regra, pois teve também um filho ilustre, que no estrangeiro, tão alto levantou o nome de Portugal e, não menos, o da sua terra natal, pelo que tem incontestável direito a ser relembrado às gerações presentes e futuras o que foi Reverendíssimo Bispo de Arabina, arquipélago do Hawai, D. Estevão Pedro de Alencastre. Pelo exposto, tenho a honra de propor à Câmara: Primeiro: Que à rua que, partindo do cruzamento das ruas “Brigadeiro Couceiro” e “Dr. Pedro Lomelino”, a leste da fonte de São João, até o entroncamento da estrada que segue para a Serra de Fora, seja dado o nome: “Rua D. Estevão Pedro de Alencastre – Bispo de Arabina”. Segundo: Que, na casa onde nasceu este ilustre filho do Porto Santo, seja colocada uma lápide em mármore, com a seguinte inscrição: Nesta casa nasceu D. Estevão Pedro de Alencastre, que foi Bispo de Arabina – Hawai; Homenagem da Câmara Municipal de Porto Santo, de 1945»¹⁴⁹.

¹⁴⁷ *The Honolulu Advertiser*, 21 de março de 2001, secção B, p. 1.

¹⁴⁸ *A Esperança*, 1 de novembro de 1930, p. 257.

¹⁴⁹ ABM, Câmara Municipal do Porto Santo, Executivo Municipal, Atas, liv. 10A, fls. 126-126 v.º, em reunião ordinária de 14 de dezembro de 1944.

Segundo esta ata, a proposta do Presidente Agostinho António foi aprovada por unanimidade. Porém, a 26 de maio de 1945, numa outra reunião ordinária da Câmara Municipal do Porto Santo, ficou sem efeito a deliberação então feita no que respeitava à rua a que se daria o nome do prelado. Decidiu-se, então, dar o seu nome «à rua que tem princípio na ponte de pedra, desta Vila até a Barroca, na casa onde o comemorado nasceu»¹⁵⁰.

A inauguração das lápides comemorativas do bispo D. Estevão de Alençastre teria ficado agendada, por resolução camarária, para o dia 15 de agosto de 1945, pelas 12 horas. Para tal cerimónia, a Câmara decidiu convidar oficialmente o Concelho Municipal, a Mocidade Portuguesa, os Escuteiros, o professorado, a Ação Católica, o vigário, a Sociedade Musical do Porto Santo e as entidades oficiais e particulares¹⁵¹.

Mais uma vez, por deliberação da Câmara Municipal, esta resolução foi alterada, devido a uma nova proposta do presidente Agostinho António, conforme se pode ler no livro de atas da Câmara Municipal:

«Tendo-se em atenção que a inauguração das lápides, tendentes a perpetuar a saudosa memória do Bispo D. Estevão de Alençastre, deve ser feita imprimindo-se-lhe o maior cunho de solenidade possível; considerando que S. Ex.^a, o Governador Civil do Distrito do Funchal, no próximo mês de Setembro, deve vir passar alguns dias ao Porto Santo, tenho a honra de propor que a cerimónia da inauguração das referidas lápides, marcada para o dia 15 do corrente, seja transferida para um dos Domingos do aludido mês de Setembro, solicitando-se a S. Ex.^a para presidir à referida cerimónia»¹⁵².

Esta proposta foi aceite por unanimidade e, assim, num domingo do mês de setembro de 1945¹⁵³, homenageou-se pela última vez, naquela ilha, um daqueles corajosos emigrantes que levou o nome de Portugal, da Madeira e do Porto Santo às famosas ilhas Sandwich, o arquipélago do Hawaii.

Hoje, a dita rua ainda tem o seu nome, causando, muito possivelmente, o espanto ou a surpresa de quem por ali passa. A casa esteve, durante anos, em ruínas e a lápide, que supostamente homenagearia tão ilustre figura, não está acessível ao público. Dizia: «AQUI NASCEU D. ESTEVÃO PEDRO DE ALENCASTRE QUE FOI BISPO DE ARABINA HOMENAGEM DA VERAÇÃO DE PORTO SANTO DE 1945».

¹⁵⁰ ABM, Câmara Municipal do Porto Santo, Executivo Municipal, Atas, liv. 10A, fls. 152-152 v.º, em reunião ordinária de 26 de maio de 1945.

¹⁵¹ ABM, Câmara Municipal do Porto Santo, Executivo Municipal, Atas, liv. 10A, fl. 161, em reunião ordinária de 26 de julho de 1945.

¹⁵² ABM, Câmara Municipal do Porto Santo, Executivo Municipal, Atas, liv. 10A, fl. 163, em reunião ordinária de 9 de agosto de 1945.

¹⁵³ Não nos foi possível precisar a data.

Imagem XI – Lápide em mármore evocadora de D. Estevão de Alencastre (2002)



Fonte: Fotografia da autora.

Se um dia existiu um presidente da Câmara da ilha do Porto Santo que quis render homenagem ao bispo D. Estevão de Alencastre, se um dia esse presidente se preocupou em perpetuar o nome deste seu concidadão, para que as gerações vindouras conhecessem a sua obra, que era motivo de orgulho para o Porto Santo, também um dia o desejo desse presidente foi atraído pelo pouco zelo dos homens e pela implacabilidade do tempo, tal como a magnificência e a obra de D. Estevão de Alencastre foram atraídas pelo esquecimento do povo que devia lembrá-lo.

Muito recentemente, depois de darmos a conhecer parte da história de vida de D. Estevão Pedro de Alencastre¹⁵⁴, a diocese do Funchal, a paróquia do Porto Santo e os porto-santenses, revelaram-se sensibilizados pela existência deste bispo que partira menino do Porto Santo e que se havia tornado numa figura ímpar da História da Igreja Católica do Hawaii. A casa da família Alencastre, na ilha do Porto Santo, foi recuperada – é presentemente alugada em regime de “Alojamento Local” – e na parede frontal foi colocada uma placa de mármore – que não é a original – com a inscrição: «AQUI NASCEU D. ESTÊVÃO PEDRO DE ALENCASTRE QUE FOI BISPO DE HAWAI HOMENAGEM DA VEREAÇÃO DE PORTO SANTO DE 1945».

¹⁵⁴ CALDEIRA, 2010, *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirense*.

Imagens XII e XIII – Casa recuperada com a respetiva placa evocadora de D. Estevão de Alencastre (2024)

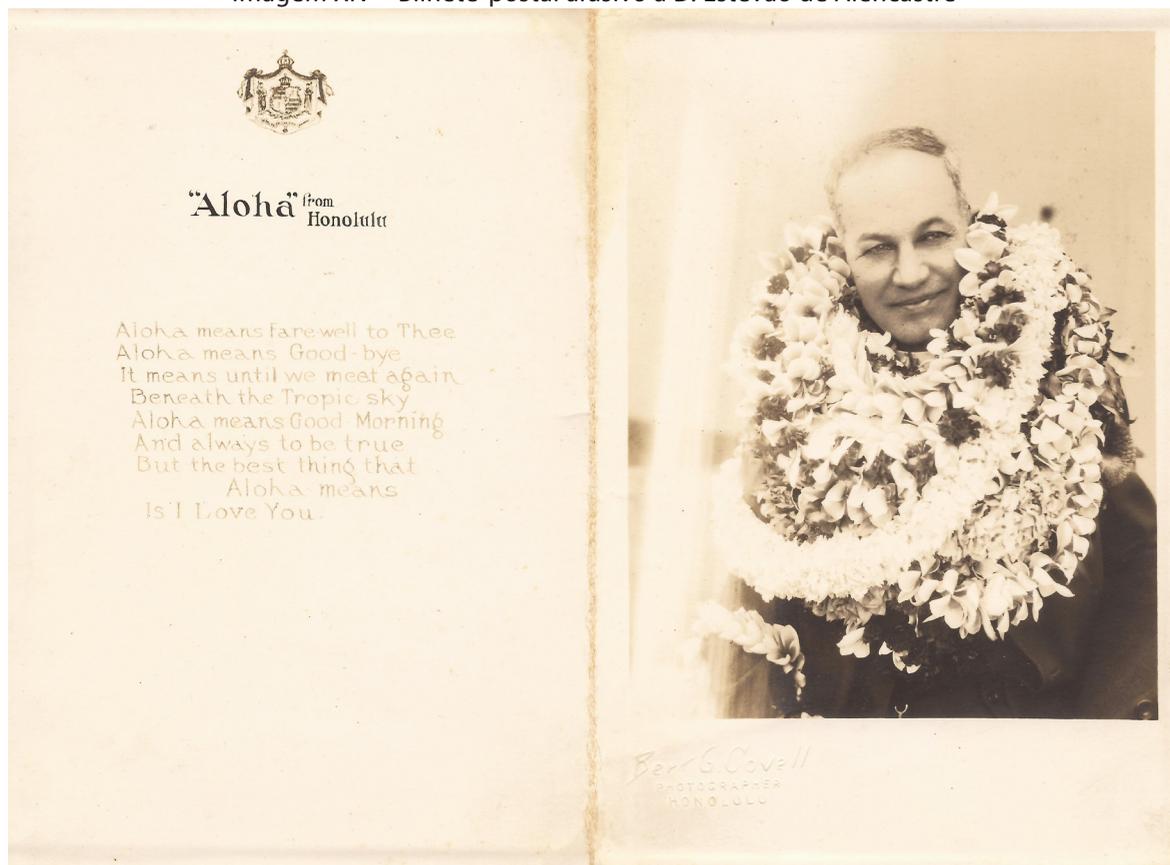


Fonte: Fotografias da autora.

Que a História se escreva e que a memória perdure para que figuras dignas do passado sejam lembradas, sempre. «Aloha! Bishop Stephen, beloved of God and men, whose memory is in benediction; we have loved you in life, we will not forget you in death. Aloha!»¹⁵⁵

¹⁵⁵ *The Honolulu Advertiser*, 16 de novembro de 1940, p. 1; *The Catholic Herald*, 15 de novembro de 1940, p. 2.

Imagem XIV – Bilhete-postal alusivo a D. Estevão de Alencastre



Fonte: Propriedade da família Matos Baião; fotografia gentilmente cedida pela bisneta de Maria Amélia Matos Baião e Teodoro João Baião, Maria Amélia da Silva Vieira Valente-Perfeito.

Fontes Manuscritas

Arquivo e Biblioteca da Madeira

ABM, Câmara Municipal do Porto Santo, Executivo Municipal, Atas, livs. 3A e 10A.

ABM, Governo Civil do Funchal, Autoridades Diversas (Registo de Correspondência), livs. 95 e 141.

ABM, Governo Civil do Funchal, Correspondência Entrada (Registo de), liv. 375.

ABM, Governo Civil do Funchal, Processos de Passaporte, cxs. 34 e 35.

ABM, Paroquiais, Porto Santo, Batismos, livs. 988, 6269, 6274, 6276A.

ABM, Paroquiais, Porto Santo, Casamentos, liv. 6298.

Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros

AHDMNE, Cartas de Canavarro, cx. 1067.

Hawaii State Archives e Hawaii State Library

Correspondência de Hillebrand, Departamento do Interior, Hawaiian Official Abroad,
Foreign Affairs and Executive Office, Immigration, Portuguese

Periódicos Portugueses

Correio da Madeira.

Diário da Madeira.

Diário de Notícias.

Direito (O).

Esperança (A).

Jornal (O).

Lanterna (A).

Mocidade (A).

Voz da Fátima.

Voz do Povo (A).

Periódicos Havaianos

Catholic Herald (The).

Honolulu Advertiser (The).

Honolulu Star-Bulletin.

Pacific Commercial Advertiser.

Bibliografia Geral

BUNSON, Maggie, 1977, *Faith in Paradise: A Century and a Half of the Roman Catholic Church in Hawaii*, Boston, St. Paul Editions.

- CALDEIRA, Susana, 2010, *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirense*, Coleção Teses, n.º 7, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.
- COMAN, Katharine, 1903, *The History of Contract Labor in the Hawaiian Islands*, New York, The Macmillan Co.
- FELIX, John Henry e SENEAL, Peter F., 1978, *The Portuguese in Hawaii*, Honolulu, Edição dos Autores.
- FERRARIS, M. Rita, 2000, *Remembering: 175 Years of Mission SS. CC. in Hawaii*, Honolulu, Congregation of the Sacred Hearts Provincial Archives.
- KUYKENDALL, Ralph S., 1965, *The Hawaiian Kingdom (1778-1854), Foundation and Transformation*, vol. I, Honolulu, University of Hawaii Press.
- POPE, T., 1918, «William Hillebrand», in *Thrum's Annual for 1919*, Honolulu, Press Publishing Company, pp. 53-60.
- RENDELL, J. M., 1881, *A handbook of Madeira – Concise handbook of the island of Madeira with a plan of Funchal and Map of the island*, London, C. Kegan Paul & C.^a.
- SCHOOFS, Robert, 1978, *Pioneers of the Faith: History of the Catholic Mission in Hawaii (1827-1940)*, Honolulu, SS.CC., ed. by Louis Boeynaems.
- SILVA, Padre Fernando Augusto da e MENESES, Carlos Azevedo de, 1998, *Elucidário Madeirense*, vol. III, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.
- SPRANGER, Ana Isabel, 2001, «O Quotidiano dos Ilhéus no Hawai após o contrato no século XIX», in *Imigração e Emigração nas Ilhas*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, pp. 159-172.
- S.A., 1878, *Breve Noticia Acerca das Ilhas Sandwich e das vantagens que ellas oferecem á emigração que as procure*, Funchal, Typographia Liberal.
- S.A., 1901, «The Catholic Church in Hawaii», in *Paradise of the Pacific*, vol. XIV, pp. 55-57.
- S.A., 1970, *Names and Insignia of Hawaii*, Honolulu, Hawaii State Library.